

Espiritismo *fin de siècle*: a inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul (1896-1898)

Sinuê Neckel Miguel*

RESUMO: O tema desse artigo é a inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul através do processo de constituição de uma identidade espírita, passando da condenação à legitimação no período que abarca, aproximadamente, a última década do século XIX. Para entender esse movimento, examinam-se, basicamente, as representações acerca da doutrina espírita produzidas no jornal *A Gazetinha* e as práticas dos espíritas nas suas relações com adversários e aliados. A fim de reconstituir essa teia de práticas e representações cruzam-se várias influências do contexto, tais como: o cientificismo *fin de siècle*; o movimento de higienização física e moral e a legislação do Rio Grande do Sul, com a questão da “liberdade de profissão”. Entende-se ainda que o caráter epistemologicamente inovador do Espiritismo lhe possibilitou atuar em várias “frentes de batalha”, nos campos da ciência e da religião. Daí resultou uma série de tensões, num processo de legitimação que encontrou dificuldades com médicos e católicos, e facilidades com maçons e a legislação positivista.

PALAVRAS-CHAVE: espiritismo; religião; legitimação; modernidade

ABSTRACT: The subject of this article is the insertion of the Spiritism in the Rio Grande do Sul through the process of constitution of a spiritist identity, passing of the condemnation to the legitimation in the period that embrace, approximately, the last decade of XIX century. To understand this movement, they are examined, basically, the representations concerning the spiritist doctrine produced in the periodical *A Gazetinha* and practical of the spiritists in its relations with adversaries and allies. In order to reconstitute this web of practical and representations some influences of the context are crossed, such as: the scientificism *fin de siècle*; the movement of physical and moral hygienic cleaning and the legislation of the Rio Grande do Sul, with the question of the “freedom of profession”. It is understood despite the epistemologically innovative character of the Spiritism made possible to it to act in some “fronts of battle”, in the fields of science and the religion. From there a series of tensions resulted, in a process of legitimation that found difficulties with doctors and catholics, and easinesses with freemasons and the positivist legislation.

KEY-WORDS: spiritism; religion; legitimation; modernism

1. A campanha anti-espírita

Em finais do século XIX, em Porto Alegre, um incipiente movimento espírita dava seus primeiros passos na tentativa de se firmar num terreno ainda bastante movediço, repleto de obstáculos que de alguma forma influenciaram na determinação das características imprimidas a esse Espiritismo¹ pioneiro. Partiremos então do ano de 1896, no qual se dá uma campanha contra o Espiritismo através das páginas do jornal *A Gazetinha*, para tecermos a rede de representações com a qual os espíritas terão de debater para legitimar-se.

* Bacharel em História pela UFRGS e mestrando em História Cultural na UNICAMP. E-mail: sinueneo@yahoo.com.br

¹ Doutrina que surge na França em 1857 a partir da codificação de mensagens atribuídas a diversos espíritos que teriam se utilizado de inúmeros *médiuns* residentes em diferentes países. O codificador e teorizador da doutrina espírita ficou conhecido como Allan Kardec.

Este jornal, dirigido por Otaviano Manoel de Oliveira², pode ser considerado um jornal crítico “popular”. Tendo surgido em 1891 como “Periódico crítico, literário e noticioso”, em 1895 e 1896 tinha o lema de “Órgão dos interesses do trabalho” e, de maio de 1898 até o seu fim em março de 1900, passou a “Órgão popular” (MAUCH, 2004, p. 53). Segundo Cláudia Mauch,

Otaviano Manoel de Oliveira e seus colaboradores se orgulhavam da sua “independência”, ou seja, do fato do jornal não estar vinculado diretamente a nenhuma instituição partidária ou de classe e de, por isso mesmo, poder lançar suas críticas a quem quer que fosse (. . .) [demonstrando] grande preocupação com os problemas urbanos e com as “normas do bem viver”, utilizando também, vez por outra, algumas explicações “científicas” para justificar suas campanhas “saneadoras”. (MAUCH, 2004, p. 53-54)

Somando-se a essas informações o típico “tom escandaloso das notícias” (MAUCH, 2004, p. 63) propagadas pelos redatores da *Gazetinha* ficamos com um bom panorama da forma de se fazer jornalismo nesse periódico, possibilitando-nos assim uma contextualização do meio pelo qual se produziram as representações acerca do Espiritismo que abordaremos a seguir.

Ao realizarmos a análise da campanha anti-espírita, é importante que tenhamos em mente qual era a retórica de combate àquilo que se enquadrava como “imoralidade” ou “doença social”, de forma comum ao jornalismo porto-alegrense desse final de século. Metáforas orgânicas tiradas da medicina e a influência da criminologia positivista na atenção aos virtuais perigos do comportamento de determinados grupos sociais³ pautam o estilo empregado nas agressivas acusações ao Espiritismo que acompanharemos a seguir no interior da *Gazetinha*:

² Otaviano foi diretor-proprietário dos jornais *A Gazetinha* (1891-1899) e *O Independente* (1900-1923), passando do estilo mais agressivo e escandaloso do primeiro para o tom mais cauteloso do segundo. Segundo Coaracy, jornalista carioca que trabalhou com Otaviano no *Independente*, era ele um homem de instrução limitada, sendo que “os seus defeitos, muitos e graves, provinham quase todos da incultura e da carência de uns tantos escrúpulos, aliadas à violência do temperamento”; porém, não era mau patrão e possuía “bom coração, que o impelia a praticar atos de generosidade”, contando com “bom número de amigos, no seu círculo” (COARACY, 1962, p. 24). Vasto círculo aliás, pois como diretor de jornal tinha relações “na política, na imprensa, no fôro, no funcionalismo, no comércio, na maçonaria, onde exercia intensa atividade” (COARACY, 1962, p. 32).

³ Conforme Beatriz Marocco “o modo jornalístico de descrever os acontecimentos e os indivíduos ‘sem importância’ se apoiava (. . .) em uma retórica de combate a estes indivíduos, composta por um conjunto de táticas estratégicas tomadas de empréstimo de outros saberes. A primeira era uma tática da medicina, que estendia aos discursos jornalísticos a missão de observar os corpos, diagnosticar e combater as enfermidades. Sua materialização nos discursos se daria pelas metáforas orgânicas. A

Não foi sem razão que no dia 19 de janeiro deste anno encetamos accerrima campanha sobre esta seita religiosa, que se encobre cynicamente sob o apparatuso nome de SPIRITAS. Seita que acarreta comsigo um grande numero de responsabilidade, visto a correntesa que toma, dia para dia; a onda cresce, se avoluma, arrebenta, vomitando do seio pejado de sombras um sem numero de victimas inconscientes. (A Gazetinha, 6/2/1896, p. 1)

Parece que a "seita espírita" estava conquistando adeptos. Ao menos essa era a impressão que se queria passar para a sociedade e para as autoridades, a fim de ressaltar a urgência de uma tomada de atitude repressora, condizente com o perigo que se manifestava. A "acérrima campanha" iniciou-se com a seguinte chamada:

Curas pelo espiritismo

Depois que nesta cidade foram fundadas algumas associações filiadas á doutrina propagada pelo celebre visionario Allan Kardec, temos ouvido, por mais de uma vez, noticias de curas extraordinarias realizadas por meio do espiritismo.

Ainda a poucos dias tivemos occasião de ler, no "Mercantil", um agradecimento firmado por um homem e quatro senhoras e dirigido ao sr. Cornelio Bonone Martins Vianna chefe de certo grupo espírita.

Este agradecimento tinha por motivo o restabelecimento de uma senhora, parenta dos signatarios do mesmo, a qual, segundo estes publicaram, enlouquecera quando creança e hoje passados mais de vinte annos acha-se no goso perfeito de sua razão, graças a trabalhos de espiritismo postos em pratica pelo sr. Bonone.

Lê-se mais no dito agradecimento uma declaração da superioridade, em que não acreditamos, do espiritismo, como systema curativo, sobre a sciencia medica que é ensinada em academias; pois, os re[fe]ridos signatarios daquelle documento publico, affirmam que ao passo que o sr. Bonone operou aquella cura maravilhosa na pessoa da citada parenta dos mesmos, outra senhora, irmã desta, e que ha muito tempo acha-se no Hospicio S. Pedro não tem apresentado melhora alguma em seu desgraçado estado de saúde! (A Gazetinha, 19/1/1896, p. 1)

É notável o que está em jogo na apresentação desse relato extraordinário acerca da suposta habilitação da prática espírita como método de cura. Podemos perceber aí a tensão colocada entre o saber espírita e o saber médico. O primeiro vinha sofrendo já há

segunda era uma tática do saber criminológico, que se expressava nos discursos pela noção de 'periculosidade' que ocupava o centro do processo de seleção do acontecimento jornalístico, assim como a estrutura das figuras jornalísticas. Nos limites da criminologia, os indivíduos interessavam aos jornais em função de suas virtualidades, e não de seus atos, e não eram considerados em relação às infrações que haviam, efetivamente, cometido a uma lei, mas sim em relação às virtualidades de comportamento que estas representavam. Sob a influência da criminologia positivista e da medicina, os jornalistas os consideravam pobres e delinquentes como uns enfermos, e sugeriam a intervenção da polícia, ou dos médicos, ou a ação de ambos para promover um "saneamento" geral da cidade (Gazeta da Tarde, 30 de março, 1897)" (MAROCCO, 2004, p. 10).

alguns anos a acusação de que, ao invés de curar, produzia a loucura em seus adeptos. Assim, estamos diante da possibilidade de uma inversão do *status* negativo atribuído à doutrina espírita, partindo daqueles que se beneficiaram com suas práticas. O Espiritismo cura; e, não só isso, ele é ainda superior à ciência médica! Essa se mostrou falha e inferior ao Espiritismo praticado pelo sr. Bonone e sua “cura maravilhosa”, em contraste com o fracasso da primeira no tratamento da irmã da aludida senhora que havia enlouquecido na infância.

Encontramos ao longo dessa campanha de enfrentamento ao Espiritismo, encetada através da *Gazetinha*, uma série de representações correlatas à crítica médico-psiquiátrica às práticas espíritas⁴. O argumento central presente nos artigos era de que o Espiritismo produzia a loucura em seus adeptos, por vezes acusando-se os seus líderes de bandidos, de charlatões exploradores da fé. Vamos procurar destacar adiante as diversas formas como esse argumento aparece, relacionando-o a um universo de imagens e práticas que produzem assim um ambiente hostil aos espíritas no âmbito da *Gazetinha*.

Ironicamente, ameaçava-se os espíritas de serem internados no Hospício São Pedro: “lembrem-se os sectarios do spiritismo que agora ha lugares vagos no referido hospicio, e que portanto devem acautelar a cachimônia, nas celebres sessões experimentaes...” (A *Gazetinha*, 5/3/1896, p. 2). Mas a acusação repetida a exaustão de que o Espiritismo seria uma fábrica de loucos também podia ser enfaticamente dura, não poupando adjetivos para condenar a doutrina:

É um descurado gosto o dessa essencia de gente que dá para as *extravagancias* desse afamado espiritismo...

Pois não vêm esses *fanaticos*, como augmenta-se dia a dia o numero de suas victimas, a caminho do Hospicio, e que os seus intimos, indignados, com o máo resultado desse fanatismo, classifica-os de <<*horda de malfeitos?*...>> (grifos meus; A *Gazetinha*, 13/2/1896, p. 2)

⁴ “Ao lado de políticas públicas e ideologias de urbanização e sanitário, que visavam a construção de um país moderno, disciplinado e dessacralizado, a psiquiatria e as políticas de saúde mental tiveram grande destaque. As idéias psiquiátricas se mostraram presentes já no Primeiro Código Penal Republicano, em que há a criminalização da prática do espiritismo como causador de loucura; além de estar presente nas falas de policiais, juizes, repórteres, autoridades religiosas, e em obras literárias, o que demonstra sua força e penetração em distintos meios de comunicação e práticas” (SCOTON, 2005, p. 105).

Como podemos perceber, no discurso de criminalização da prática espírita, enquadram-se seus adeptos num crescente grau de periculosidade, passando de extravagantes a fanáticos, e, finalmente, à horda de malfeitores.

Agora, examinemos outra forma de desqualificar o Espiritismo, marcando-o pela relação direta com a execução de crimes⁵, noticiando-se casos tristes, no qual o acusado faz referência à ação de espíritos malévolos que o incitaram a praticar o delito:

O sub-intendente do 1º districto, cidadão Francisco de P. Louzada, fez deter na cadêa civil e passar á disposição do tenente-coronel João Leite Pereira da Cunha, delegado de policia do 1º districto, por haver arrombado o cofre da Companhia de Carruagens e tentativa de suicidio, o capataz da mesma companhia, de nome Juan Martins Santiago.

Este pobre homem é adepto fervoroso do spiritismo, segundo declarou.

Disse mais, que um espirito mau apoderara-se de si, obrigando-o a commetter o arrombamento para furtar os haveres existentes no cofre.

Porém que, outros espiritos, indignados com esse seu feio procedimento, o condemnaram á morte.

D’ahi, a tentativa de suicidio, accrescentando que se mataria effectivamente, logo que lhe fosse restituída a liberdade.

A arma com que estava munido Santiago, era um revólver de grosso calibre, o qual foi remettido ao delegado do 1º districto. (A Federação, 3/2/1896, p. 2 e A Gazetinha 6/2/1896, p. 1)⁶

Reduzia-se o Espiritismo a um “micróbio” infeccioso que alienava os crentes de tal forma a seguir cegamente a vontade dos espíritos. O criminoso, então, era na realidade um doente, vítima dos verdadeiros criminosos que eram os chefes da “seita-doença”.

O facto que expozemos deixa bem patente aos olhos do mundo e das autoridades da terra de quanto é capaz um homem accommettido daquella doença d’alma. Porque uma pessoa como o sr. João Santiago, não é senão um doente atacado pelo *microbio do espiritismo*.

⁵ Há indícios para generalizarmos a ocorrência desse tipo de notícias a outras regiões do país, já que Scoton também as encontra no contexto de Juiz de Fora, onde determinadas concepções psiquiátricas⁵ também “viam as religiões mediúnicas como uma causa ou desencadeadoras de alienação mental” podendo levar a práticas criminosas: “Um exemplo é de 1882, em uma notícia publicada no jornal local “O Pharol”, intitulada “Efeitos do Espiritismo”, que traz a informação de que um homem havia perdido a razão por freqüentar sessões espíritas, fato que motivaria o assassinato de seu filho e agressão à esposa” (SCOTON, 2004, p. 3-4).

⁶ Essa notícia aparece primeiramente na *Federação* e depois é transcrita pela *Gazetinha*.

Adeptos daquela idéa, movidos pelo braço potente da loucura, se precipitam no *cahos aberto pelas palavras de Allan Kardec*, com o mesmo desprendimento com que seriam capazes de se deitar em fofo e convidativo leito.

Se o chefe da seita disser a um fervoroso crente – ensanguenta as tuas mãos no sangue da humanidade porque é Napoleão que manda – eil-o a se tinjir de rubro, desassombadamente, para cumprir a ordem. Tal é o deslumbramento da idéa.

Assim, pois, em nome da moralidade e do bem publico, pedimos com todas as forças que temos para *que as autoridades cortem de uma vez para sempre a cabeça da grande hydra espirita*. (grifos meus; A Gazetinha, 6/2/1896, p. 1)

As metáforas utilizadas para condenar o Espiritismo, como a da “grande hidra espírita”, eram as mesmas empregadas pelos jornalistas da *Gazetinha* para outras campanhas de saneamento moral (PESAVENTO, 1990, p. 62-71), caso do enfrentamento da prostituição, tornando assim equivalentes os “perigos” a serem enfrentados:

...conforme dissemos em nosso penúltimo número, (a Gazetinha) não descansará (...) enquanto não ver cortada de uma vez para sempre a cabeça da grande hidra da prostituição, que ora se levanta estendendo a cauda sibilante para todos os pontos da cidade (A Gazetinha, 27/2/1896 *apud* MAROCCO, 2004, p. 10)

Através desses relatos de casos extremos construía-se uma imagem de um Espiritismo criminoso, uma seita de delinqüentes ou aventureiros irresponsáveis que perturbavam a ordem pública, pois provocava tanto uma loucura difusa derivada da ilusão causada aos incautos, quanto a alienação mental de indivíduos fracos. Abaixo, um claro exemplo desse enquadramento radicalmente negativo do Espiritismo como uma “associação criminosa”:

É pois perfeitamente palpavel o mal directo, influente, energico, que produz a força motora do espirismo [sic].

Seitas que tem por fim essa *grande utopia*, envolta n'uma dobra misteriosa do véo da criação, levando phantasmas no espirito das creaturas fracas, creando trevas onde ha luz, espalhando o desasocego no coração dos inexperientes, o medo na alma dos fortes, devia ser contemplada pela policia de nossa terra, como uma *associação criminosa*. Seita como a que denunciemos em nosso referido numero, devia ser corrida á ponta de bayoneta até a porta da casa grande, onde a justiça detem *aquelles que delinquem*. (grifos meus; A Gazetinha, 6/2/1896, p. 1)

Com um texto tão agressivo, combatia-se também determinados princípios espíritas tidos como impossíveis, como “essa grande utopia, envolta numa dobra

misteriosa do véu da criação” que consistia justamente na comunicabilidade do “mundo dos mortos” com o “mundo dos vivos”, ou seja, o intercâmbio entre encarnados e desencarnados através da mediunidade. Mais adiante, voltaremos ao exame dessa questão da “utopia espírita”.

Já na linha do deboche, a ironia e a denúncia sensacionalista, tão características da *Gazetinha* nas suas campanhas pelo “saneamento moral” da capital (MAUCH, 2004, p. 80-126), far-se-ão presentes na sua forma de representar o Espiritismo como algo ridículo, mas, ao mesmo tempo, mantendo-se a associação com o crime. Nesse sentido, por exemplo, estendiam-se a observações possivelmente “objetivas” – como a formação de grupos espíritas no interior da cadeia civil – algumas associações completamente arbitrárias, com ironia e ilações difamatórias e não-verificáveis.

Soma-se então à questão dos perigos da loucura que se empregava para classificar o Espiritismo como doutrina ilegítima dentre as demais opções religiosas e filosóficas, o entrelaçamento com o mundo dos criminosos comuns, conforme observamos a seguir:

Em palestra

Será verdade que estão organizando uma nova seita de *espiritismo*, na cadeia civil, e o que o chefe da mesma é o ajudante do carcereiro?...

Será também verdade que fazem parte da referida seita, alguns presos, envolvidos na *magna* questão da moeda falsa?..(!)

Será verdade que é preciso o desembargador chefe de policia tomar energicas providencias, no sentido de evitar que algum espirito *bem fazejo*, mande soltar os encarcerados?...

Será verdade que anda mettido na tal *panellinha d'espirito*, um official, e que por isso torna-se mais perigoso, porque, o *medium* que tem tanta força, póde impôr a este, quando estiver de guarda, que consinta nas suas liberdades... e que depois tente suicidar-se?...(grifos do articulista; A *Gazetinha*, 13/2/1896, p. 3)

Associações gratuitas e/ou mal explicadas, comuns ao estilo das seções “Apanhados” e “Em palestra”, também são evidentes, causando uma impressão confusa no leitor, ao menos para aquele que não estivesse completamente a par dos acontecimentos descritos:

Será verdade que o actual rematante da limpeza publica, não tem dado cumprimento exacto dos seus deveres, com referencia ás clausulas do respectivo contracto?...

Será verdade que a actual quadra dos banhos, tem sido bastante prodiga para o funcionalismo publico, que expedio vinte e tantos empregados federaes, para o goso dos mesmos banhos?...

Será tambem verdade que o ponto continua a ser assignado, e que, com certeza será por effeito dos milagres *spiritas*?... (A Gazetinha, 13/2/1896, p. 3)

De forma irônica, ao espiritismo são imputados poderes que instrumentalizam as mais diversas práticas ilícitas, desde a “assinatura do ponto” de funcionários públicos ausentes até o arrombamento de cofres com a ajuda dos espíritos (A Gazetinha, 13/2/1896, p. 3). Abaixo, um exemplo de síntese dos malefícios associados à nova doutrina, com o reforço da relação entre loucura, crime, imoralidade e Espiritismo, quando se denuncia uma estratégia de um homem interessado em ter sua amante em casa, tornando louca sua esposa através do Espiritismo: “- que gratifica-se a quem advinhar, qual o homem casado que poz sua mulher louca, com o *spiritismo*, para assim poder conservar em casa a sua amazia...” (grifos do articulista; A Gazetinha, 1/3/1896, p. 3).

Mas para além dessas vagas e debochadas aproximações do Espiritismo ao crime e à imoralidade, estava também em jogo a acusação da prática exploratória daqueles que diziam curar através dos métodos espirituais. Ou seja, se alguém cobrava por uma terapia considerada falsa, automaticamente inferia-se que havia interesse deliberado em abusar da boa fé dos pacientes incautos. Vejamos como poderia se dar tal enquadramento, representando os espíritos como “cínicos embusteiros”:

- Que a oração que abaixo transcrevemos, nos foi confiada por uma respeitavel senhora, que em tempos creditou piamente nas artimanhas de um spirita.

Hoje porém, por um milagre da natureza, está convencida de que o referido spirita, assim como todos os mais, não passam de uns cynicos inbusteiros, que só tem por fim roubarem o suor da humanidade. (A Gazetinha, 24/5/1896, p. 2)

Por outro lado, observando o conteúdo da tal oração, identificamos a mescla de elementos provindos de diversas matrizes religiosas, como o catolicismo, a feitiçaria e a magia de tradições africanas, indígenas e européias, evidenciando assim a possibilidade da existência de um imaginário bastante fluido e complexo:

A oração é para TIRAR O DEMONIO DO CORPO e... custou a importancia de 2 mil réis.

Eil-a conforme o original:

'Remedio Espirituar para benzer as cozas que se sentem perturbadas pelo Demonio ou as casas comerciantes que infetada de jabiru e galinhaço por couza de mas vistas de azango e de inveja de algumas creaturas.'

O senhor sej[a] commigo nesta caza o Senhor [man]de a santicima paz, o Senhor mande o seu anjo livrarnos de todo o mal cauzado pelo demonio ou mas vistas de creaturas que andem pocezoz do Demonio o comarejo o com escomunhão, o Senhor Desempate tudo quanto nesta casa esta empatado e desligue tudo quanto esta ligado e desprenda tudo quanto esta prezo o Sr desfaca alguma feiticaria que a minha porta vieram fazer com algum obgeto de sepulturas ou vestimentas de almas o de espirito o Sr. tudo Destruá por desfeita.

Jezus Jezus Jezus sedes comigo mil vezes Jezus J N R I

Alecrim incenço e Mirra (A Gazetinha, 24/5/1896, p. 2)

O demônio, o anjo, a benzedura, a feitiçaria, a excomunhão, as almas, o espírito, Jesus, o Senhor... Que pluralidade cultural! Podemos ver que sob uma linguagem híbrida, católica e fetichista, apresenta-se o ritual de proteção espiritual através de uma espécie de exorcismo imposto tanto contra demônios quanto contra o "mau-olhado" de possessos e suas feitiçarias. A idéia de se relacionar de algum modo mais direto com o mundo dos espíritos é elemento compartilhado pelo Espiritismo e as práticas religiosas africanas, indígenas e de um catolicismo popular (LEWGOY, 2005, p. 4), que estavam disseminadas, de forma "subterrânea", como práticas mágicas e de feitiçaria por diversas camadas da sociedade gaúcha (WEBER, 1999, p. 179-225) e brasileira (SOUZA, 1986, p. 375-378 e MACHADO, 1996, p. 21-38). E mais, com tal tipo de proximidade de entendimento da espiritualidade, verifica-se uma disseminação da denominação de "espírita" para diversos grupos, com variadas práticas de cura, por mais heterogêneas que fossem.

É claro que aqueles que procuravam seguir a risca os postulados da doutrina sistematizada por Allan Kardec não estavam satisfeitos com essa miscelânea religiosa, já que o Espiritismo se propunha como algo diferenciado tanto do catolicismo quanto da feitiçaria e da magia (KARDEC, 1998, p. 34-36), em grande parte devido ao seu reivindicado caráter científico. A "miscigenação" de nomes, de significados e de práticas era muito mais útil para os adversários da doutrina. Assim é que nem sempre se farão distinções claras entre práticas espíritas e de feitiçaria, por exemplo, já que serão vários os grupos e os indivíduos que irão, de fato, cruzar esses repertórios religiosos, muitas vezes exercendo o ofício da cura cobrando alguma quantia monetária. Dessa

forma, dava-se ensejo às generalizações dos detratores do Espiritismo⁷ que não se preocupavam em esclarecer diferenças, e sim em homogeneizar o inimigo incidindo-lhe práticas condenáveis segundo os critérios morais e científicos da época.

É por isso que será tão importante para os espíritas destacar um dos princípios basilares da sua doutrina, o da caridade. Isto é, a estratégia de colocar em relevo o princípio da caridade, importantíssimo na ética espírita, veio inicialmente como uma resposta às acusações de exploração charlatanesca⁸, deslocando as práticas de cura para o campo religioso (GIUMBELLI, 2006, p. 295). Na terapia via mecanismos mediúnicos será dever do médium espírita dedicar-se à cura sem qualquer interesse pecuniário. De acordo com a ética espírita, corroboradora de máximas cristãs, a mediunidade não poderia ser usada profissionalmente, pois devemos “dar de graça aquilo que recebemos de graça” (KARDEC, 2000, p. 298-302). Abaixo temos um exemplo desse forte elemento legitimador do Espiritismo acionado por um dos seus adeptos em carta à *Gazetinha*, referida na seção “Expediente”:

Sr. Arcadio Llistar. Obrigados pela explicação. Por sua carta ficamos sabendo que <<los espíritas no son todos iguales, pues el verdadero espírita no exige a nadie ni por nada un vintem de retribucion alguna; si asi no lo hace no es espírita.>>

De maneira que conforme o sr. cognomina aos outros, que recebem dinheiro são “espíriteiros”. Ora muito obrigados. Bem sabemos que o sr. Bonone não lhe agradecerá a explicação. Pergunte-lhe e ouvirá. (A *Gazetinha*, 31/5/1896, p. 1)⁹

Os espíritas tentam defender-se também através de seus periódicos, como o *Echo da Verdade*, evidenciando um campo de debates próprio de grupos sociais letrados, ou seja, a imprensa:

⁷ Isaia, no seu estudo das relações entre catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX, aponta para o seguinte procedimento por parte dos católicos: “a fim de aprofundar as antípodas próprias das oposições imaginárias, capazes de simplificar e dramatizar a realidade, o discurso católico ignora qualquer distinção entre espíritas, batuqueiros, quimbandeiros, umbandistas, feiticeiros, mandingueiros, etc. Todos esses designativos aparecem no discurso católico buscando deslegitimar os fundamentos das religiões mediúnicas (ISAIA, 2002, p. 227).”

⁸ Conforme Camurça: “em fins do século XIX e início do XX, o Espiritismo nascente nas principais urbes brasileiras, diante das acusações de charlatanismo, curandeirismo e prática de medicina ilegal que lhe imputavam os poderes públicos, procurará legitimar suas crenças e práticas perante a sociedade através da bandeira da *caridade*. A mediunidade exercida com fins de cura, para eles, não se configurava atividade de rendimento mas exercício de ‘caridade moral’ para com a ‘humanidade sofredora’. É como *religião* e não como medicina que procuravam ‘aliviar as dores físicas dos enfermos’ (CAMURÇA, 2001, p. 3).”

⁹ Entretanto, a referência ao Sr. Bonone aponta para a possibilidade de polêmica no interior do movimento espírita, já que este era “chefe de certo grupo espírita” (A *Gazetinha*, 19/1/1896, p. 1), efetuando curas que, podemos inferir desta notícia, eram cobradas de alguma forma.

Dirá um Echo da verdade: mas o maior numero de loucos que existe lá no Hospicio, não professaram o espiritismo, etc., etc...

Mas, no entanto, quem duvidará também que a metade daquella maior parte enlouqueceu devido á influencia de algum espirito máo, que lhe forçára a adoptar essa *perniciosa sciencia* - de *virar a bolla dos fracos*?

Quem poderá mesmo affirmar, que muitos doidos do Hospicio, não passaram por algumas *sapientissimas provas* dessa *halienada sciencia espiritual*, e que por isso, tornaram se *irresistiveis nas mesmas provas*, resultando d'ahi marcharem de embrulho para aquele lugubre palacete?!... (grifos meus; A Gazetinha, 13/2/1896, p. 2)

Cabe aqui retomarmos a questão da “utopia espírita”, tecendo algumas observações sobre o tratamento irônico dado ao propalado trunfo do Espiritismo – o seu fundamento científico. Apropriando-se do título de ciência e de sua força de convencimento, com “sapientíssimas provas” capazes de “virar a bola dos fracos”, o articulista adjetiva o Espiritismo como uma “alienada ciência espiritual”. Ou seja, é uma “ciência louca”, porque defende o impossível, o utópico, e assim, carrega irresistivelmente os seus adeptos à loucura. Na seqüência, podemos observar melhor com qual imagem se concebia a existência de adeptos da doutrina espírita vista como utopia:

Demais, não é preciso irmos ao Hospicio para provarmos que em Porto Alegre, existem homens com a bolla destemperada, devido ao facto de entregarem-se de corpo e alma, digo, espirito, a essa *desmiolada seita de aventureiros*...

Não, não é necessario isso; aqui mesmo no centro da cidade tranzitam alguns *bem conhecidos*, que foram fatalmente feridos por essa *hydra espiritual*; e não precisamos declinar nomes, para que os profundos e abalisados mestres de cerimonia da capellinha Lopo Gonçalves, possam compreender de quem se trata.

Elles tem plena convicção que o autor dessas linhas não escreveu inverdades, por que *os factos estão mais que publicos e notorios*.

Deixo porem, de proseguir neste assumpto, porque em outro lugar desta folha, temos vantajosamente condemnado as *más consequencias que resultam áquelles que tem perdido os seus preciosos momentos de honrosas preoccupações, para entregarem-se ás garras do impossivel*. (grifos meus; A Gazetinha, 13/2/1896, p. 2)

A expressão “garras do impossível” é uma ótima pista para pensarmos numa das características mais singulares da doutrina espírita: a “promiscuidade” entre os campos da ciência e da religião ou metafísica. Afinal, entendia-se a doutrina espírita como uma utopia, uma impossibilidade perigosa. Mas por que tanta ojeriza às suas propostas?

A meu ver, uma das possíveis razões é a noção de que o Espiritismo opera um corte epistêmico. Rompe com a *pax moderna* entre ciência e religião¹⁰ e constitui um novo acordo paradigmático. Arrisco que esteja aí, ao mesmo tempo, a grande fonte da originalidade conceitual e prática da doutrina e a origem das principais dificuldades enfrentadas pelos seus defensores ao longo de toda a sua história¹¹.

Conforme Vasconcelos, o

(. . .) espiritualismo, e mais especialmente o Kardecismo e a pesquisa psíquica, colocaram tanta fé no modo científico de produzir evidência que quiseram estender isto ao mundo dos espíritos, esperando que isso pudesse revelá-lo, como William James imaginou, um “verdadeiro terreno de fenômenos naturais”. Mas a idéia de uma ciência dos espíritos parece violar um princípio constitucional da nossa modernidade: como podemos pretender conhecer cientificamente aquilo que deve ser excluído de consideração para permitir a produção de conhecimento científico? (VASCONCELOS, 2003, p. 4; tradução minha)

Talvez seja por isso que se destaca novamente a publicidade conferida ao assunto em pauta, sentindo grande decepção pelo envolvimento com o Espiritismo de pessoas que estão a perder seus “preciosos momentos de honrosas preocupações”, aventureiros que se entregam a questões absurdas e perigosas... Usando as palavras de Lewgoy, essa imagem que se fazia do Espiritismo seria a de uma “religião bizarra de livres-pensadores e jacobinos, demoníaca e cientificista” (LEWGOY, 2004, p. 49), como podemos perceber através dos adjetivos usados para criticá-la nas páginas da *Gazetinha*, como “desmiolada seita de aventureiros” ou “hidra espiritual”.

¹⁰ Segue-se a reflexão de Vasconcelos: “Nossa moderna conjuntura é fundada na presunção de que diferentes domínios da realidade correspondem a modalidades específicas de evidência, e na atribuição de diferentes tipos de poder e dignidade social àquelas distintas modalidades. O mundo natural pode ser o objeto de experimentos científicos, enquanto os espíritos e a divindade podem ser o objeto de experiências religiosas (VASCONCELOS, 2003, p. 3-4; tradução minha).”

¹¹ Calco essa hipótese nas seguintes considerações de Bernardo Lewgoy: “Allan Kardec, o criador do espiritismo, pertence à época cientificista do Iluminismo, quando a ciência, a filosofia da história e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral. Muito da sua figura tem a ver com a austeridade burguesa da época, o seu ideal de ciência aplicado à religião é profundamente marcado pelo positivismo: a importância transcendental do método, a ontologia naturalista, a unicidade da verdade garantida através da concordância intersubjetiva dos experimentos, a exposição didática das respostas. Nesse primeiro sentido, Kardec foi um homem das Luzes, que criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: a laicidade, o progresso e o espírito científico. Por isso, o espiritismo atraiu tanto os cientistas e literatos num primeiro momento. Nesse sentido, o espiritismo anunciava-se como uma religião natural. Mas, isso também é, paradoxalmente, o seu calcanhar de Aquiles, pois, ancorou a fé na demonstração científica e não mais na revelação. Funciona enquanto a comunidade científica tem simpatia pelo fenômeno (LEWGOY, 2005, p. 3).”

Tal imaginário, típico de uma cultura conservadora do clero católico (BOEIRA, 1980, p. 56) – mas não restrito a ele -, parece estranhamente penetrar de alguma forma no discurso que se produz na *Gazetinha*, mesmo esta sendo em grande medida marcada por um anti-jesuitismo, com forte apoio da maçonaria¹². Essa questão fica então por ser explicada com futuras investigações, já que no momento não encontro elementos para solucioná-la. Como pista para uma possível abertura à crítica católica frente ao Espiritismo cito o recebimento da *Gazetinha* de um panfleto anti-espírita produzido por “um católico de primeira grandeza”:

De parte do conhecido poeta sr. Zeferino Vieira Rodrigues Filho, recebemos um pequeno folheto contendo uns quantos versos de vigorosa entonação.

Esse pamphleto intitula-se “Analyse do Espiritismo”.

Seu autor, um catholico de primeira grandesa, procura em cada estrophe esmagar positivamente a crença que o populacho ignorante tem no espiritismo.

Emfim, no desmoronamento que faz das ideias espiritas, eleva a ideia da Religião.

Uma propaganda como outra qualquer...

Agradecidos ao autor, pelo referido folheto. (A *Gazetinha*, 31/5/1896, p. 1)

Assim, a expectativa acerca da doutrina espírita podia ser altamente negativa, justificando o espanto e o prudente ceticismo demonstrado quando se anunciam curas espíritas para problemas mentais:

Sabiamos que infelizmente a doutrina espirita tem sido fertil em ocasionar desarranjos mentaes, porém, que a mesma cure-os, é para nós surprehendente novidade!

Ainda, ha pouco tempo, no Rio de Janeiro deu-se um caso de loucura motivado, a ser verdade o que lemos, pelo espiritismo.

De identicas desgraças ha noticias consecutivamente; foi dito até nesta capital, que um medico fallecido aqui, ha dois annos talvez, antes deste desenlace fatal teve a razão tresvairada em resultado da mesma perigosa doutrina que ora surge aos nossos olhos como um poderoso meio de cura.

Se realmente ella póde curar, em beneficio do povo em geral deve a autoridade sanitaria legal, nesta cidade, syndicar e com rigor; porém se as admiraveis curas annunciadas não passam de méras invenções

¹² “Outro traço do jornal era seu anticlericalismo e proximidade com a maçonaria (. . .). A *Gazetinha* movia uma luta feroz contra os jesuítas, difamando-os em artigos sobre a imoralidade do relacionamento dos padres com as fiéis, onde chamava atenção dos maridos sobre o perigo do ‘excesso de religiosidade’ de suas esposas (MAUCH, 2004, p. 53).”

para fazer efeito no espirito publico, e desta fórma auxiliar a propaganda dos continuadores, aqui em Porto Alegre, da obra que como reforma religiosa Allan-Kardec iniciou na Europa a quasi meio seculo, - cumpre á policia dar as providencias necessarias para a cessação de tão gravissima especulação.

Mesmo neste caso, entendemos no entanto que, para ter a devida correcção a intervenção policial deve ser precedida pela syndicancia que a respeito a autoridade sanitaria effectuar.

Entretanto é indiscutivel que a inspectoria ou directoria de hygiene, em beneficio do povo, repetimos, deve elucidar o que ha de verdade nos efeitos curativos oriundos do espiritismo, efeitos maravilhosos e que ultimamente muito chamam a atenção publica. (A Gazetinha, 19/1/1896, p. 1)

À autoridade sanitária é incumbida a tarefa de avaliar a verdade sobre a suposição de eficácia da terapêutica espírita. Ou seja, confiava-se numa competência pública da instituição, com autoridade científica, para arbitrar seguramente sobre um problema que chamava a atenção, demandando investigação imediata. O Regulamento da Diretoria de Higiene estabelecia ser “livre no território do Estado o exercício da medicina em qualquer dos seus ramos e da farmácia”, porém, competia à “higiene do Estado investigar e denunciar ao Ministério Público os abusos cometidos no exercício de qualquer dessas profissões, e especialmente os crimes previstos no Cód. Penal, arts. 158 § único, 159, 160.”¹³. Assim, estava justificada a exigência do articulista da *Gazetinha*, já que a idéia de abuso tornava-se mais bem definida no enquadramento do Art. 158 do Código Penal, que criminalizava a prática do curandeirismo, além dos artigos 156, que exigia a habilitação legal para as “artes de curar”, e 157, que enquadrava o Espiritismo como ilegítimo pelo seu *poder de ilusão*¹⁴.

¹³ Regulamento da Directoria de Hygiene do ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. (Ano: 1892-1941; Fundo: Assistência Pública; Código: 7.2.1 a 7.4.1; AHPA)

¹⁴“(. . .) o ‘espiritismo’, segundo o lugar que lhe reserva o texto do código penal, aparece como um saber ilegítimo do ponto de vista terapêutico, condenável não pelos prejuízos detectados neste ou naquele indivíduo, mas por um *poder de ilusão* cuja ação se dá a um nível, por assim dizer, supra-individual. É preciso atentar para o fato de que não se trata de uma definição específica ao ‘espiritismo’, na medida em que, primeiro, essa designação também compreendia outras práticas (. . .) e, segundo, equiparava-o às diversas formas de ‘magia’ e de ‘mancia’. Abre-se caminho, então, para um esforço visando uma caracterização mais precisa desse saber e da sua forma específica de ação sobre as coletividades humanas, sem excluir a possibilidade de que a materialidade de seus prejuízos estivesse inscrita nos recônditos do cérebro humano e que para descobri-la fosse necessário recorrer a saberes e técnicas competentes para tanto (GIUMBELLI, 1997, p. 82).”

Entretanto, conforme pude verificar examinando a documentação policial do período¹⁵, não houve uma resposta imediata do aparato legal no sentido de repressão a qualquer prática espírita. A partir disso podemos pensar na possibilidade de não ter havido perseguição legal aos espíritas no Rio Grande do Sul, diferentemente do que se deu no Rio de Janeiro, por exemplo, com as tentativas – fracassadas - de se processar médiuns por exercício ilegal da medicina (DAMAZIO, 1994, p. 95-96). No Rio Grande do Sul também ocorreu a prática da homeopatia por parte dos espíritas, mesmo quando não possuíam formação médica alguma. Para o período aqui estudado, há a referência, por exemplo, da prática da medicina homeopática de Carlos Ferrari (um dos fundadores do Grupo Espírita Allan Kardec) em Santa Rita do Rio dos Sinos, “sem intuito lucrativo, mas por amor a caridade, como resultado de seus estudos e leituras, e porque não dizer também como médium inspirado do alto” (SÍNTESE HISTÓRICA DA SEAK, 1976, p. 8).

Depreende-se, portanto, que o Espiritismo passou pelas críticas de forma mais ou menos imune, contribuindo para isso provavelmente o estatuto legal de inspiração positivista no Rio Grande do Sul que propiciava, além da liberdade religiosa, a liberdade profissional¹⁶, ao longo de todo o período positivista dos governos gaúchos¹⁷. Caberia investigar se tal situação “privilegiada” dos espíritas rio-grandenses teria permitido, mesmo que a curto prazo, uma defesa explícita das suas práticas de cura pelo viés científico, diferentemente da estratégia jurídica de se defender a cura espírita como prática religiosa, tal como se deu no Rio de Janeiro. De todo modo, parece que

¹⁵ Processos de execução criminal do Município de Porto Alegre no Cartório do júri: Maço: 1 a 9 Ano: 1849-1912; Maço: 61 a 70 Ano: 1885-1891; Maço: 80 a 89 Ano: 1897-1901; Maço: 113 Ano: 1889-1896; Maço: 301 a 310 Ano: 1876-1943 (APERS).

¹⁶ “Os dirigentes do governo, no Estado, assumiram uma posição política declaradamente positivista após a República, adotando como princípio a liberdade profissional e de cultos, e normatizando a prática da Medicina apenas pelo registro e pagamento das taxas ou multas por exercício indevido. Ao mesmo tempo, defendiam a completa liberdade religiosa, o que permitiu o desenvolvimento de práticas de cura alternativas. Em torno delas, até 1928, houve sérios conflitos com os médicos que tentavam organizar-se como grupo e reivindicavam o fim da liberdade profissional, exigindo a regulamentação da Medicina (WEBER, 1999, p. 24-25).” Ver também BOEIRA, 1980, p. 53.

¹⁷ “Assim como a liberdade religiosa, a questão da liberdade profissional foi um dogma mantido por Borges de Medeiros ao longo de todo o período em que governou. Enfatizava que a função do positivismo era generalizar a ciência, sistematizando a ordem social, fruto da educação, que devia ter como princípio fundamental a supremacia da moral sobre a ciência, do sentimento sobre a razão. Não caberia ao Estado nenhuma ingerência sobre o exercício de quaisquer profissões, que seriam *reguladas* pelas decisões da população, esclarecida pela *ciência*. A manutenção desse princípio foi garantida ao longo de todos os governos positivistas do Rio Grande do Sul (WEBER, 1999, p. 43).”

estratégias demarcacionistas¹⁸ dos espíritas gaúchos se fizeram presentes ainda na República Velha, conforme a observação de Angélica Boff: “o espiritismo kardecista (. . .) é afastado de uma possível e nebulosa fusão (e con-fusão) com a medicina, bem como, de outra parte, com os saberes irracionais” (BOFF, 2001, p. 126).

2. Legitimação e institucionalização

Ocorre que, atravessando o tempo, num período bastante curto – entre 1896 e 1898 -, a situação dos espíritas na *Gazetinha* sofrerá grandes transformações. Apesar de não haver ainda condições para se explicar adequadamente como se deram essas mudanças, podemos aventar alguns elementos que provavelmente foram relevantes no estabelecimento de novas relações entre espíritas e a *Gazetinha*.

Principiemos pela questão da respeitabilidade social. Diante de uma mal tão grande como a “hidra espírita”, como reagir ao fato de que muitos dos seus defensores eram pessoas de razoável prestígio social¹⁹, membros das elites médias urbanas²⁰? Desde o princípio, no interior da *Gazetinha*, observa-se um constrangido espanto, disfarçado de deboche.

Será verdade que fazem parte da seita do celeberrimo <<espiritismo>> entre nós, alguns velhos respeitáveis da nossa sociedade?...

Será também verdade que um delles já vê <<phantomas>> espíritas, quando está em sua mesa escrevendo?... PERY (A *Gazetinha*, 6/2/1896, p. 3)

¹⁸ “Sendo o espiritismo, sob a ênfase na caridade, considerado enquanto ‘religião’, há a implicação em uma concepção de complementaridade entre a medicina oficial e o espiritismo, isto é, uma relação de não concorrência entre ambos. Assim, evitam-se os problemas legais. Lewgoy (no prelo) chama esta proposta de complementaridade do espiritismo em relação à medicina oficial, de ‘posição demarcacionista’, a qual emerge ‘em nome da especificidade de domínios e sistemas de conhecimento’” (SCHWEIG, 2006, p. 13).

¹⁹ “O caráter científico do espiritismo seduzia membros da elite brasileira desde o fim do século XIX, em um momento fortemente marcado pela influência cientificista. Parte da elite brasileira serviu, portanto, de introdutora das práticas espíritas no Brasil, fornecendo ainda um considerável peso, legitimante à nova religião em uma sociedade como a brasileira da primeira metade do século XX (ISAIA, 1999, p. 109 *apud* BOFF, 2001, p. 43).” “A maioria dos principais líderes [espíritas], portanto, ocupava posições sociais relativamente privilegiadas, o que garantia aos grupos de que eles participavam a possibilidade de se beneficiar de recursos, conhecimentos e redes de relações, valiosos em determinadas circunstâncias (GIUMBELLI, 1997, p. 62-63).”

²⁰ Alguns exemplos: além do maçom e membro do PRR, Carlos Pareta, haviam nomes conhecidos, como o fotógrafo Carlos Ferrari (Anais da SEAK, 1944, p. 13-14) do estúdio de fotografia Irmãos Ferrari, ou o advogado José Vieira do Amaral (O Independente, 17/4/1904, p. 1; SÍNTESE HISTÓRICA DA SEAK, 1976, p. 16).

Mas, em meio às virulentas acusações, abre-se um “parêntesis” para dialogar com um dos fundadores do Grupo Espírita Allan Kardec, Carlos Pareta, partindo-se de um caso de “infâmia desmentida”. Tal caso colocava em relevo a existência de “cidadãos honestos”, respeitáveis, que estavam defendendo a doutrina espírita:

Na quinta-feira ultima, recebemos pelo correio urbano um exemplar dos estatutos do grupo spirita S. Vicente Ferrer, e nas margens do dito exemplar vieram escriptos muitos desaforos e calumnias endereçadas ao director d'esta folha, como desforra da *posição assumida pela <<Gazetinha>> contra a nefasta doutrina de Allan Kardec* actualmente propagada n'esta capital e que está como é natural produzindo máos fructos.

Não ligariamos a minima importancia a tanta infamia, se não houvesse como ha entre os ditos desaforos e calumnias a assignatura do sr. Carlos Pareta, *cidadão este que suppomos honeseito*.

Porem, esta assignatura é semelhante, quanto á letra, ao que foi escripto nas marges dos estatutos; portanto ao sr. Carlos Pareta pedimos que nos declare se s. s. é o autor da infamia endereçado ao nosso director.

Se o sr. Pareta negar-se a fazer a declaração que solicitamos, dar-nos-á a convicção de que s. s. foi quem escreveu aquillo, - e n'este caso procederemos energicamente afim de tirar o merecido desforço. (grifos meus; A *Gazetinha*, 23/2/1896, p. 1)

No seguinte número da *Gazetinha*, veio a resposta que desmentia a suspeita que recaia sobre Pareta, o diretor do Grupo Espírita S. Vicente Ferrer:

Attendendo ao pedido que fizemos no ultimo numero de nossa folha, o sr. Carlos Pareta [diretor do grupo espírita referido] veio, na segunda-feira, ao nosso escriptorio declarar que não foi s. s. o autor da infamia (. . .) afirmou que alguém abusou de seu nome para satisfazer uma vingança mesquinha, oriunda, talvez, de antipathia que vote ao director da "*Gazetinha*". (. . .) (*A Gazetinha*, 27/2/1896, p. 1)

Agora, vamos tentar nos aproximar um pouco das relações que foram se estabelecendo entre alguns pioneiros do Espiritismo e a *Gazetinha*. O espanhol Carlos Pareta, além de figurar como um dos fundadores do Grupo Espírita Allan Kardec e como diretor do Grupo Espírita São Vicente Ferrer, era militante do Partido Republicano Rio-grandense e ainda “graduado da maçonaria riograndense” (Anais da SEAK, 1944, p. 14), tendo sido um dos fundadores da Loja Estrella de Jerusalém (O Independente, 20/3/1904, p. 2). Quero destacar aqui a importância dessa atuação múltipla em diversos espaços da sociedade, cruzando o campo religioso com o político. Podemos pensar que esse tipo de sujeito, com sua circulação em diversos grupos

sociais, em especial a maçonaria²¹, deve ter contribuído para a promoção da imagem espírita e, no caso aqui focado, com a abertura da *Gazetinha* para os espíritas através do seu diretor, também maçom, Otaviano Manoel de Oliveira (COARACY, 1962, p. 32). Como evidência dos motivos da referida abertura, concretizada a partir de 1898, remeto a algumas pistas encontradas no jornal *O Independente*, dirigido pelo mesmo Otaviano e na própria *Gazetinha*. Esses indícios são basicamente três, os quais eu passo a relatar sucintamente.

Na *Gazetinha*, em 1898, temos um sinal do estabelecimento de alguma proximidade entre esse jornal e os espíritas. Trata-se do fato de que a impressão da *Revista Espírita* produzida pela Sociedade Espírita Allan Kardec (SEAK) – participante do debate com um católico que examinaremos a seguir – fora feita nas oficinas tipográficas da *Gazetinha* (*A Gazetinha*, 6/9/1898, p. 2).

Outras pistas importantes encontram-se no *Independente*. A primeira é a grande cobertura dada ao assassinato de Carlos Pareta, ocorrido em 9 de Março de 1904 numa misteriosa orquestração para um assalto (*O Independente*, 20/03/1904, p. 2). Apesar de se constituir num crime interessante para chamar a atenção do público leitor, o *Independente* lhe confere uma publicidade que me parece típica de casos em que se envolvem pessoas bem quistas pelo seu diretor, Otaviano. A publicidade é tão grande que quase se equipara à cobertura do jornal quando o seu próprio diretor sofrera um atentado. Além de a cobertura do assassinato ter durado meses, com artigos quase ininterruptos, o jornal ainda publicou o seu testamento como testemunho da sua convicção espírita, no qual Pareta preocupa-se claramente com a propaganda da referida doutrina. Abaixo, reproduzo trechos do referido testamento:

Peço que ninguém bote lucto por mim.

Ninguém morre; o que se chama morte é simples transição desta para a vida verdadeiramente real.

Não fosse a dôr natural da separação dos que amamos e só haveria motivos para um justo contentamento.(. . .)

²¹ Penso que a maçonaria pode ter sido importante para abrir brechas aos espíritas, pois além de um certo ideário comum à maioria de seus membros (racionalismo, crença no progresso, cientificismo, pensamento liberal), havia a situação de enfrentamento com o clero católico, em especial os jesuítas representantes do conservadorismo ultramontano (COLUSSI, 2003, p. 276-277). Isto é, tanto maçons quanto espíritas tinham de se articular para garantir espaço num universo social de relativa hegemonia católica, no qual, entretanto, sobressaía-se já há tempos uma vigorosa presença maçônica na vida política e intelectual do estado do Rio Grande do Sul.

Desnecessario é recommendar que não quero velas na minha mão nem outras luminarias que não sejam as luzes do Espiritismo, que são nesses momentos solemnes as preces nascidas de corações puros, se evolvendo para Deus pelos entes que amamos.(. . .)

Peço aos meus amigos e em particular aos Espiritistas que este testamento seja publicado nos dous jornaes de mais circulação e que obtenham quantidade de numero dos mesmos e remetam para grupos e jornaes espiritas e para esse fim deixo vinte mil réis (20\$000) e ficando encarregado de este serviço o grupo Allan Kardec, e caso não existir o mesmo, peço que algum Confrade se encarregar de esta missiva, e peço aos jornaes de propaganda, para que o transcreban. (O Independente, 13/03/1904, p. 1)

Por último, a evidência claríssima de proximidade entre espíritas e o próprio Otaviano, encontra-se nos pesares que Mercêdes Ferrari, uma das fundadoras da SEAK, destina à mãe daquele, através de carta publicada no *Independente* (O Independente, 25/12/1904).

Temos ainda uma referência importante, que pela sobreposição de datas mereceria uma investigação mais detalhada: trata-se da passagem pela capital rio-grandense entre março de 1896 e o ano de 1898 do Major Dr. Manuel Viana de Carvalho, tido como “um dos maiores tribunos espíritas do Brasil” (WANTUIL, 1969, p. 595-597). Conta-se que

Viana procurou o velho Joaquim Xavier Carneiro, que gozava de certa influência pela sua austeridade de costumes e muitos atos de benemerência, e que então dirigia o Grupo Espírita Allan Kardec. Obteve dele a indicação de nomes e residências de alguns adeptos, conseguindo reuni-los em casa abandonada, dentro de terreno baldio no bairro do Partenon. (. . .) Fundou-se um núcleo de estudos que, dali por diante, funcionou no andar térreo de uma casa comercial da rua dos Andradas. Correram dois anos de tentativas, ora interrompidas, ora recomeçadas, mas produzindo sempre resultados benéficos para a Causa espírita. (WANTUIL, 1969, p. 597)

Viana de Carvalho ainda publicou obras literárias em Porto Alegre, como “Facetas”, tendo sido “bem acolhida pelos homens de letras e pela imprensa” (Wantuil, 1969, p. 597). Depreendemos assim que sua passagem pela capital gaúcha deva ter contribuído para a propagação do Espiritismo nessa localidade em pelo menos três sentidos: chamando a atenção do público como literato; difundindo a doutrina entre os militares, já que veio como aluno da Escola Militar; e ainda na ação articulada e entusiasmada de orador que era entre os próprios poucos espíritas residentes na capital.

A partir dos diversos elementos apontados acima, podemos pensar que a formação de *uma rede social capaz de sustentar o movimento espírita* deve ter

dinamizado o seu desenvolvimento institucional, facilitando sua legitimação perante a sociedade. Tal desenvolvimento pode ser evidenciado tanto pela maior formalização dos grupos espíritas, tornando-se sociedades com feição e personalidade jurídica, quanto pelo surgimento de diversas instituições espíritas em todo o Estado, com o significativo incremento no número de adeptos da doutrina²².

Parece-me que a imprensa teve um papel fundamental nesse processo, pois podia ser ao mesmo tempo sintoma e veículo de legitimação para o Espiritismo. Afinal, quando a doutrina passa a ser retratada de forma respeitosa nos periódicos gaúchos²³ nós podemos inferir que ela já é no mínimo tolerada, senão vista com alguma simpatia por certos setores respeitados da sociedade. Mas aparecer na imprensa positivamente é também um excelente método de catalisação desse novo *status* que vai se construindo através de práticas e representações. Assim, os espíritas não esperarão apenas pela cobertura dos jornais laicos já constituídos no Rio Grande do Sul. Esses pioneiros, construtores das primeiras instituições espíritas, irão produzir seus próprios jornais, veículos pródigos para a expansão da doutrina através da sua defesa direcionada para um público letrado.

Para tanto, a exemplo do que se fez em todo o Brasil, os espíritas do Rio Grande do Sul trabalharam intensamente pela produção dos seus próprios periódicos²⁴.

²² No dia 13 de Julho de 1894 surgia na cidade de Porto Alegre o Grupo Espírita Allan Kardec, embrião da Sociedade Espírita Allan Kardec (SEAK) que se constitui provavelmente com feição e personalidade jurídica em 16 de Janeiro de 1898. A essa altura, já eram muitos os espíritas que aderiram formalmente à SEAK, como podemos ver pelo número de assinaturas ao termo de compromisso de 21 de Julho de 1898: 69! Além dos fundadores: Joaquim Xavier Carneiro, Mercedes M. Ferrari, José Joaquim Dias, Carlos Ferrari, F. de Paula Teixeira, Verissimo da Silva Rosa, Olavo Ferreira e Antônio P. Furtado (Anais da SEAK; Síntese Histórica da SEAK).

Apenas para citar alguns grupos e sociedades espíritas que vão surgindo na última década do século XIX no Rio Grande do Sul: em D. Pedrito o Grupo Espírita Amor a Deus (A Gazetinha, 1/9/1898, p. 2), em São Leopoldo o Grupo Espírita Aurora (Anais da SEAK), em Porto Alegre o Grupo Espírita São Vicente Ferrer (A Gazetinha, 27/2/1896, p. 1).

²³ Também no *Independente*, em 1905, podemos ver artigos bem destacados defendendo a doutrina espírita (O Independente, 2/3/1905) além de algumas outras pequenas referências ao Espiritismo, dispersas ao longo das publicações desde 1901 até 1904. Até mesmo a *Federação*, órgão oficial do PRR, irá publicar, já em 1899, artigos que destacam a fenomenologia espírita estudada na Europa, relatando minuciosamente, por exemplo, os estudos do astrônomo Camille Flammarion (que tornara-se amigo de Allan Kardec) com a médium italiana Eusapia Paladino (A Federação, 22/7/1899, p. 1 e 15/8/1899, p. 2), bem como artigos tratando de espectros e aparições (A Federação, 11/9/1899, p. 1 e 22/9/1899, p. 2).

²⁴ Entre 1892 e 1906, temos o registro dos seguintes: A Evolução – órgão quinzenal do Centro Espírita Rio-Grandense, fundado na cidade do Rio Grande, em fevereiro de 1892, por Domingos Toscano Barbosa; A Voz Espírita – órgão quinzenal fundado em 1894 pelo Centro Espírita de Porto Alegre, pertencia ao Grupo Virgem Maria de Porto Alegre; A Religião Espírita - surgiu em 1895 editado por Miguel Vieira de Novaes em Rio Grande, pertencia à Sociedade Espírita Rio-Grandense, era mensal e de distribuição gratuita; Eco da Verdade – órgão do Centro Espírita Porto Alegre, fundado em 1895, por C.

Com base nesse crescente “enraizamento social” dos espíritas na sociedade rio-grandense nasce a possibilidade de um debate na própria *Gazetinha* entre alguns adeptos do Espiritismo e um defensor da fé católica, o qual examinaremos a seguir.

3. O debate entre Espiritismo e Catolicismo

Lembremos o que vimos n’A *Gazetinha*: críticas que patologizavam a prática espírita, acusando-a de produzir a loucura, e aquelas que a desmoralizavam pela aproximação difusa com o crime e direta com a exploração pecuniária, tal como se enquadravam os curandeiros. Assim, os espíritas terão que lidar com toda essa rede de representações que iam constituindo um determinado imaginário social acerca da sua doutrina, procurando reverter o *status* negativo que se tentava imputar-lhes. Trata-se agora de examinarmos a resposta do movimento espírita a esse imaginário que lhe condenava.

Para isso vamos acompanhar um debate na “Tribuna livre”²⁵ da *Gazetinha*, em 1898²⁶, no qual diversos espíritas rivalizaram com um católico²⁷. Entram em cena, num primeiro momento, J. C. defendendo um Espiritismo que não seria nem ciência nem religião e o defensor da fé católica, P. A. H. do C. Em seguida, surge Luiz Gama, fazendo críticas ferozes ao jesuitismo e defendendo o Espiritismo como sua antítese.

Barone Martins Viana; Revista Espírita – de Porto Alegre, órgão da Sociedade Espírita Allan Kardec, fundada em 4-9-1898 por Joaquim Xavier de Carneiro; A Regeneração – “Órgão Espiritista” da Sociedade Espírita Allan Kardec, de Rio Grande, que teria circulado entre 1900 e 1902 e, por fim, Eternidade – de Porto Alegre, periódico publicado pelo Grupo Espírita Irmãos da Fé, em 1906 (DIAS, 2006, p. 38-41 e 52).

²⁵ Inicialmente a *Tribuna Livre* chamava-se *Secção livre* (1896-1897), porém sempre com o mesmo caráter diversificado. Parece ter sido uma seção paga, pois era freqüentemente utilizada para a propaganda de determinados produtos ou serviços apoiando-se no testemunho de algum respeitado nome (como Germano Hasslocher). Assim, era também um espaço de disputa publicitária. Por outro lado havia reivindicações (por exemplo, um açougueiro reclamando do fiscal de mercado), denúncias, agradecimentos a terceiros (em forma de carta aberta), poemas e os mais diversos debates. Ressalto, porém, que o debate “espíritas vs. católico” analisado foi, de longe, o mais extenso que pude verificar, tanto com relação à produção textual no interior da *Tribuna Livre* em cada dia de publicação, quanto com relação à duração do debate em número de dias (de 7/7/1898 até 3/8/1898, quase ininterruptamente).

²⁶ No ano de 1898, podemos ver artigos na *Gazetinha* que denunciam os perigos de um esoterismo e de um charlatanismo *fin de siècle* (Esoterismo, em 31/5/1898, p. 1, e O NOVO CRISTO – Charlatanismo fim de século, em 13/6/1898, p.1), tornando ainda mais complexa a compreensão da inserção do Espiritismo num campo jornalístico onde circulavam imaginários avessos ao proclamado mundo espiritual, premissa para muitas modalidades de práticas e doutrinas.

²⁷ Ênfase a importância para os espíritas em tornarem-se manifestos através da publicização da sua doutrina utilizando-se da imprensa. Por isso podia-se chegar ao caso extremo, por exemplo, da simulação de uma polêmica na imprensa de Cuiabá, na qual “o Major Otávio Pitaluga, espírita convicto, combinou então com Vianna de Carvalho a estratégia de rebater as idéias espíritas, como se católico fosse, em artigos na imprensa, para criar interesse em torno do movimento Kardecista então nascente (HESSEN, 2003, p. 162).”

Um pouco mais adiante, *Latego e Espada* trava um ríspido debate com o *P. A. H. do C.*, criticando tenazmente a religião em geral, como uma forma de escravizar consciências. Por fim, entra no debate o *S. E. A. K.* alterando o tom em que estava se dando a contenda. Ele passa então a apontar sistematicamente as falhas no discurso do defensor do catolicismo, expondo, como contraponto, os princípios da doutrina espírita e a sua sustentação perante o Evangelho e perante o exame científico dos fenômenos que lhe dizem respeito.

Sob uma ótica genérica, disputam-se os valores da caridade (CAMURÇA, 2001), da humildade, da religiosidade interior e da razão verdadeira. Identificamos assim um certo campo comum de valores compartilhados tanto por católicos como por espíritas, e que, em grande parte, extrapolam esses grupos, fazendo parte de uma cultura da época, no âmago do desejo de modernidade, com influências diversas, como o ideário maçom e as vertentes positivistas. É por essa característica do Espiritismo, de permitir, em certo sentido, uma eclética articulação de idéias, que ele poderá se situar, conforme os termos apropriados e esgrimidos pelos seus defensores, num universo social bastante amplo.

Assim, evidencia-se um forte apelo por parte dos espíritas a um campo de princípios referenciados na idéia de uma religião da consciência, interior e racional, que se expressa por meio da prática da caridade. Logo de início, *J. C.* abre o seu discurso pró Espiritismo dessa forma:

Spiritismo

A fraternidade universal, a religião da consciencia, é o fim do Spiritisme

Para chegar, porém, a isto, são necessarias obras, muitas obras, *verdadeiramente christãs*. (. . .) *J. C. Lanza*. (grifos do articulista; A Gazetinha, 7/71898, p. 2)

Com as obras, ou seja, a caridade, é que se chegaria à fraternidade universal, com a união de todos os povos pelo laço do amor e com o culto interior e racional a Deus. Contrapunha-se, portanto, à religiosidade atrelada à instituição de uma religião formalizada na exterioridade, como se identificava a Igreja Católica, a necessidade de seguir uma religiosidade interiorizada que lançava mão da caridade como recurso imprescindível para a salvação: “Deixai o vosso dogma – *Fóra da Igreja não ha*

salvação e dissei comnosco: *Sem caridade não ha salvação. S. E. A. K.*” (A Gazetinha, 20/7/1898, p. 2).

Essa idéia é compartilhada por outro espírita, *Luiz Gama*:

(. . .) porque a voz de Deus se está revelando claramente e pedindo em vez dos templos custosos onde o luxo tem guarida em vez de accumulo de riquezas e thesouros em prejuizo da pobreza que soffre, o culto interior da consciencia pura cumprindo o dever do amor a teu proximo como a ti mesmo. (. . .) O templo do futuro é o da consciencia, o culto de Deus representado simplesmente na razão humana e baseado unicamente no amor, esse elo sublime que ligará todos os povos. *Luiz Gama* (A Gazetinha, 13/7/1898, p. 2)

A ênfase na caridade está associada a uma ética do trabalho²⁸ aliado ao amor. Isto é, praticar a caridade é realizar obras com base no “dever do amor a teu próximo como a ti mesmo”, sendo que trabalho não é senão “toda a ocupação útil” (KARDEC, 1999, p. 235), portanto, é trabalhando e amando que se construiria um “paraíso” de acordo com o progresso da humanidade. Abaixo, vemos essa explícita articulação traduzindo o amor e o trabalho enquanto deveres morais, numa lógica que apela para a “razão esclarecida [valor iluminista] pelo exemplo do Cristo [valor cristão]”:

O amor e o Trabalho. Ah! tendes todas as leis e os prophetas.

O *trabalho* antes de uma necessidade para adquirir o indispensavel e o superfluo para a vida material, antes de ser a saude do espirito e do corpo, é *um dever*; e o dever, diante da razão esclarecida pelo exemplo do Christo não é sacrificio; mas simplesmente dever.

Por conseguinte o homem que não trabalha, torna-se indigno de Deus, de si mesmo e de seus irmãos.

Todo trabalho é digno, honrado, se é util.

Amaes pois e *trabalhaes* se quizerdes ser tidos como verdadeiros filhos de Deus; *amaes* e *trabalhes* se quizerdes preparar-vos um paraíso nas futuras gerações, creando-vos um meio mais consentaneo com o vosso progresso, intellectual e moral. (. . .) *J. C.* (grifos do articulista; A Gazetinha, 13/7/1898, p. 2)

²⁸ Havia, é certo, na época, a influência de uma ética do trabalho burguesa, difundida pelas elites que necessitavam da adequação da mão-de-obra “às exigências impostas pela ordem capitalista” (SCHMIDT, 2000, p. 66). No entanto, é oportuno ressaltar que o Espiritismo podia se situar de forma muito próxima a uma ética socialista, principalmente na vertente do filósofo espírita Leon Denis. Compare-se, por exemplo, com a valorização do trabalho pelo socialista e espírita Antônio Coutinho que “procurou mostrar, inspirando-se no evolucionismo de Darwin, que o trabalho é uma ‘lei natural’ e ‘imutável’, elemento indissociável da ‘luta pela vida’, mas que “só tem valor quando [. . .] empregado na produção de algum objeto útil à humanidade” (E. O., 26/9/1897, p. 1) (SCHMIDT, 2000, p. 66).

Importa observar que uma religião da consciência é eminentemente racional e moderna²⁹, pois significa ao mesmo tempo uma opção pela eficiência da prática do *necessário*, deixando-se o supérfluo das práticas exteriores, e ainda uma formulação crítica de cada princípio doutrinário, demandando sempre do seu adepto o uso do livre-arbítrio para avaliar tudo através da razão. Isto é, já que “O espiritismo é a religião da consciencia, exige o raciocinio antes de tudo, porque sem elle o homem não á [sic] consciente de seus actos. *S. E. A. K.*” (A Gazetinha, 20/7/1898, p. 2)³⁰.

Com esse tipo de ênfase na racionalidade do Espiritismo, seus adeptos pareciam estar rebatendo as acusações anteriores partidas da *Gazetinha* em 1896, quando se associava a prática espírita à loucura, ou seja, o reverso da razão³¹. Assim, os partidários da doutrina espírita, apoiando-se na racionalidade, se colocarão como seres conscientes das suas atitudes, veiculando ainda uma idéia de transparência, de honestidade, aumentando, portanto, a positividade da sua própria imagem³²:

²⁹ Note-se a força de convencimento que a modernidade presente na doutrina espírita possui para determinados grupos sociais que tinham o desejo de ser “moderno” (DAMAZIO, 1994, p. 58). De acordo com Lewgoy, “historicamente, o espiritismo é uma das primeiras alternativas religiosas especificamente modernas a canalizar a insatisfação de setores emergentes e organizados da sociedade brasileira - militares, livre-pensadores, funcionários públicos - que libertam-se da tutela eclesiástica, sem querer engrossar os quadros do ateísmo, adotando a linguagem da ciência, da razão e do progresso; bandeiras identificadas com a modernidade (LEWGOY, 2005, p. 2).”

³⁰ Por isso que a própria fé, tão importante em qualquer religião, é apropriada de uma forma particular, devendo ser atrelada à razão. Dizia-se, por exemplo, que “verdadeira fé, [é] [a] que nos vem pelo raciocinio, pela exacta comprehensão de nossos deveres perante Deus, e não a fé imposta e não comprehendida; esta não nos póde salvar porque não parte do coração e sim de uma obediencia cega. *S. E. A. K.*” (A Gazetinha, 19/7/1898, p. 2).

³¹ Notemos que estes princípios estão em pleno acordo com as concepções de Kardec quanto à “fé raciocinada” e à “fé cega”, apontando esta última como uma das raízes da incredulidade do século XIX: “A resistência do incrédulo, é preciso nisso convir, prende-se, freqüentemente, menos a ele do que à maneira pela qual se lhe apresentam as coisas. À fé é preciso uma base, e essa base é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer; para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, compreender. A fé cega não é mais deste século; ora, é precisamente o dogma da fé cega que faz hoje o maior número de incrédulos, porque quer se impor e exige a abdicção de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre arbítrio. (. . .) A fé raciocinada, a que se apóia sobre os fatos e a lógica, não deixa atrás de si nenhuma obscuridade; crê-se porque se está certo, e não se está certo senão quando se compreendeu; eis porque ela não se dobra; porque não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade” (grifos no original; KARDEC, 2000, p. 247).

³² Segue o exemplo das palavras de J. C: “Temos plena consciencia do cumprimento do nosso dever, por isso mesmo que fallamos a linguagem do ser consciente sem medo, sem pensamentos occultos, sem ódios, sem jatancia, sem fatuidade, sem pedanteria. *J. C.*” (A Gazetinha, 20/7/1898, p. 2). “Estou acostumado ha seculos a proceder de accordo com a minha consciencia e ser unico responsavel perante os homens pelos meus actos, palavras e ideias; (. . .) *J. C.*” (A Gazetinha, 15/7/1898, p. 2).

Na modernidade de finais do século XIX vivia-se uma cultura fortemente cientificista, na qual várias correntes teóricas³³ convergiam na valoração da ciência e da técnica como os melhores instrumentos para a resolução de todas as principais dificuldades da humanidade (SCHMIDT, 2001, p. 114), valendo-se da noção central do *progresso* enquanto força real da natureza, tornando a evolução um caminho natural rumo a um determinado fim, em geral tido como o da realização da perfectibilidade. É nesse contexto intelectual que devemos situar a forte ênfase na *racionalidade* e na *consciência* por parte dos espíritas, munidos de um ideal “progressista” que bebia nas fontes culturais do cientificismo, do liberalismo e do jacobinismo, para derrubar preconceitos e dogmas retrógrados da tradição católica.

Portanto, ser espírita era também assumir e brigar por um *status* científico, uma fundamentação doutrinária em outras bases que não apenas a discussão exegética dos evangelhos. Destacava-se assim a necessidade do estudo da fenomenologia espírita e das obras publicadas por Kardec, com a exemplaridade dos estudos e opiniões de eminentes cientistas, como o influente químico e inventor William Crookes (FERREIRA, 2004), o que conferia autoridade ao Espiritismo, pois a ciência já possuía à época uma enorme “força de verdade”³⁴.

Na trilha da racionalidade, aproveitava-se para rebater as críticas que patologizavam as práticas espíritas, recusando-se a noção do sobrenatural. Dessa forma,

³³ “Os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX foram marcados pela difusão de diversas teorias cientificistas que deixaram marcas profundas no estudo da natureza (com o evolucionismo de Darwin) e da sociedade (com o positivismo de Comte e o darwinismo social de Spencer), no direito e na psiquiatria (com a antropologia criminal de Cesare Lombroso e Enrico Ferri) e mesmo na religião (com o kardecismo) (SCHMIDT, 2001, p. 113).”

³⁴ Assim pronuncia-se S. E. A. K.: “Para o compreenderem é necessario que estudem a Doutrina Spiritica aquelles que pretenderem ataca-la, afim de poderem comparal-a com a sua e antes de o fazerem. Assim procedeu o sabio William Crookes, quando pretendeu dar-lhe o golpe de morte; e de seus estudos resultou a confissão publica de que os phenomenos espiritos são uma realidade. E, si esses phenomenos se dão, como em profusão observou Crooke [sic], se o têm affirmado outras notabilidades scientificas do velho mundo, não póde nenhum homem de bom senso recusar a explicação que lhes dá o Espiritismo, desde que a Sciencia não os pode explicar de outro modo. S. E. A. K.” (A Gazetinha, 19/7/1898, p. 2). “A necessidade da leitura das obras fundamentaes encontramol-a a cada instante. Diz-nos, por exemplo, o defensor do catholicismo, que os phenomenos espiritas parecendo sobre[n]aturaes, envoltos em mysterio podem não ter sido bem estudados pela sciencia e pertencerem ao contrario ao numero das manifestações da natureza, outrora atiradas para o dominio do sobrenatural e hoje explicadas e compreendidas pela mais acanhada int[e]lligencia. Pois bem, o espiritismo vai muito mais longe. Para tudo elle procura explicação na propria natureza, seu vastissimo campo de acção, nada admittindo de sobrenatural. Tudo quanto se produz em materia de manifestações não se daria si fosse contrario ás leis da natureza, logo, nada de sobrenatural póde existir nessas manifestações, quaesquer que ellas sejam. (. . .) S. E. A. K.” (A Gazetinha, 26/7/1898, p. 2).

pautando-se pela razão, afirmava-se o fortalecimento da fé frente aos perigos da descrença produzida por um ceticismo materialista que crescia como contraponto à fé cega, conforme vimos em Kardec em nota acima:

A doutrina espirita, tudo explicando, tudo evidenciando, não póde produzir a perda da razão pelo terror, porque este desaparece á medida que cada um se convence de que o sobrenatural não existe, a menos que por esse vocabulo não se pretenda exprimir tudo que é extraordinario, admiravel. Do mesmo modo, ante a explicação racional dos factos, a incredulidade vae desaparecendo pouco a pouco, porque são chegados os tempos e Deus assim o quer. S. E. A. K. (A Gazetinha, 26/7/1898, p 2)

A ciência assume, portanto, lugar central na legitimação do Espiritismo. No entanto, o grau de importância conferido à prática da pesquisa científica entre os espíritas variava muito, dando origem ao que ficou conhecido como a querela dos “místicos” contra os “científicos” (DAMAZIO, 1994, p. 105). Mas, de qualquer forma, cabe ressaltar que “mesmo entre os adeptos e os grupos brasileiros mais ‘religiosos’ não se deixou de falar em ‘ciência’” (GIUMBELLI, 1997, p. 67). Em Porto Alegre, temos evidências dessa discriminação entre correntes espíritas. Uma delas, quando *Luiz Gama* (A Gazetinha, 13/7/1898, p. 2) valoriza os “grupos científicos” associando o Espiritismo ao desenvolvimento do mundo das grandes capitais européias – representantes do “progresso” e da “civilização” (SCHMIDT, 2001, p. 114). De forma mais clara ainda, *J. C. Lanza* refere-se, de forma crítica, a duas interpretações básicas do Espiritismo enquanto ciência ou religião: “Temos Spiritas que querem que o spiritismo seja sciencia, outros, religião, fazendo, como sempre, questão por palavras, e quando não é, fallando em absoluto, nenhuma nem outra cousa” (A Gazetinha, 7/7/1898, p. 2).

A valorização da ciência penetra o domínio da moral, tornando o conhecimento desta acessível pelo entendimento das leis morais que regem o Universo. Assim, Deus mantém – de acordo com a filosofia deísta – o seu posto de supremo diretor das leis universais, criador e objetivo último de tudo que existe, ou ainda o “relojoeiro” do mundo. Para os espíritas, é a lei da evolução que rege a vida dos homens encaminhando-os progressivamente a Deus, com o progresso moral e intelectual (A Gazetinha, 11/7/1898, p. 2).

A razão, em suma, é tanto uma faculdade humana associada à sobriedade e à lucidez – em contraponto à loucura (por isso, como veremos, a expressão “sã razão” utilizada pelo articulista católico) - quanto um atributo da natureza imprimido por Deus, determinando um funcionamento lógico das suas leis, portanto cognoscíveis ao

escrutínio dos seres humanos através da ciência (o que será muitíssimo enfatizado pelos espíritas na sua defesa da naturalidade dos alegados fenômenos espirituais).

Importante notar agora a forte presença de argumentos patologizantes³⁵ nas representações que o articulista católico utilizava no intuito de alertar o leitor para o perigo da prática espírita, correlatos àqueles que vimos na campanha anti-espírita promovida na *Gazetinha*. Tais argumentos davam força ao católico no embate com os espíritas pelo valor compartilhado da racionalidade:

Entre as doutrinas subversivas, aquellas que tendem desviar o crente do caminho da salvação é sem duvida o *spiritismo* a mais perigosa, porque, evocando como argumento de suas pretensas verdades o poder de communicar com os espiritos de além tumulo faz com que o espirito bem equilibrado a repilla como absurda e o fraco se arroje desesperado em seus braços perdendo muitas vezes a razão ante o incomprehensivel das absurdas theorias spiritas. (. . .) *P. A. H. do C. (Continua)* (grifo do articulista; A *Gazetinha*, 12/7/1898, p. 2)

O *spiritismo* do *Latego e Espada*, tal qual o vemos definido pelo *illuminado spirita*, só poderá actuar sobre cerebros enfermiços ou sobre aquellos que exploram as absurdas theorias de Alan Cardek [sic] com fins occultos e muitas vezes reprovaveis perante a razão e a moral. (. . .)

Os effeitos do *spiritismo* foram sempre funestos aos adeptos da falsa doutrina, produzindo em uns a perca [sic] da razão e em outros o augmento de um orgulho inspirado por satanaz. *P. A. H. do C.* (grifos do articulista; A *Gazetinha*, 19/7/1898, p. 2)

A cientificidade da doutrina espírita é posta em causa, deslegitimando-se a prática da comunicação com os espíritos enquanto “coisa sobrenatural” e relacionando-a diretamente com a produção de enfermidades psíquicas em seus adeptos:

Nós estamos convencidos que nenhum perigo póde existir na pratica do spiritismo quando o ensino deste se limita apenas na explicação racional da doutrina do Christo, nosso Redemptor. Porém quando o spiritismo ultrapassa as raias desta doutrina e invereda pelo campo da *sciencia spirita*, isto é, na parte da evocação e comunicação com os

35 Encarar como doença as práticas espíritas baseadas na mediunidade, vista enquanto um “estado alterado da consciência” associado à perda da razão e à proximidade com a loucura, já era tradição de origem médico-psiquiátrica em autores franceses como Charcot e brasileiros como Nina Rodrigues (ZANGARI, s/d, p. 4), mas que iam difundido-se na sociedade, como podemos observar nas avaliações de João do Rio quanto ao “baixo espiritismo” que campeava o Rio de Janeiro (ISAIA, 2003, p. 25). Scoton também observa essa difusão das concepções patologizantes da psiquiatria sobre a mediunidade e o Espiritismo: “Pode-se perceber que o espiritismo em Juiz de Fora era associado à loucura por alguns segmentos sociais, o que mostra uma consonância em relação às idéias recorrentes no restante do país. Observa-se também que tal idéia não era exclusiva dos meios médicos, estando permeada nos meios religiosos, jornalísticos e jurídicos, perpassando a diversas instâncias sociais” (SCOTON, 2005, p. 115).

mortos, então sim, ou produz incredulidade ou o que ainda é pior – o terror das cousas sobrenaturaes que quasi sempre conduz os cerebros fracos á perca completa da razão. (A Gazetinha, 22/7/1898, p. 2)

Torna-se evidente, portanto, a importância do apelo à razão também no discurso católico. Tal apelo repetir-se-á ao longo de todo o debate, conforme, logo de princípio, o próprio defensor do catolicismo anuncia, tomando como duplo critério de avaliação das “falsidades do espiritismo” a “sã razão” e a “revelação divina”, isto é, a lúcida capacidade do ser humano de conhecer a realidade e a palavra de Deus – a Bíblia – interpretada sob inspiração divina:

Em escriptos subseqüentes provaremos mathematicamente os erros e falsidades do *spiritismo* ante a sã razão e a revelação divina. P. A. H. do C. (Continua) (grifo do articulista; A Gazetinha, 12/7/1898, p. 2)

Espíritas e católicos acusam-se mutuamente de orgulhosos, pretendendo exclusividade na prática da humildade. Ou seja, espíritas acusam o clero católico de ser orgulhoso, ostentador, autoritário (A Gazetinha, 15/7/1898, p. 2); e, por outro lado, o debatedor católico traça o perfil de muitos espíritas como orgulhosos, pretensos donos da verdade, heréticos que não obedecem humildemente aos ensinamentos do Cristo tal como iluminados pela Igreja Católica (16/7/1898, p. 2). De um modo geral, ambos defendiam valores cristãos como o perdão, a humildade, o trabalho, o desprendimento do mundo material, a abnegação e o amor, personificados e exemplificados na figura de Jesus (A Gazetinha 19 e 20/7/1898, p. 2).

Retomemos agora a questão da religiosidade interior nesse contexto do final do século XIX, onde a modernidade parece avançar rápida e confiantemente, com os valores do progresso, da razão libertadora, da fraternidade universal sendo amplamente disseminados nas mais diversas doutrinas e ideologias.

O exame da consciência, estimulado pela tradição católica da prática da confissão (DELUMEAU, 2003, p. 269), já havia dado o precedente necessário ao apelo pela religiosidade interiorizada nos marcos de um individualismo moderno, no qual o indivíduo é plenamente responsável pelos seus atos, pois possui a liberdade. Esse exame da consciência, para os espíritas, era fonte suprema de contato com Deus, pois aí é que se encontrava a verdadeira moral. Veja-se, por exemplo, a seguinte exortação de J. C.:

Deixemos pois ao lado por uns instantes os appetites materiaes, concentremo-nos, interroguemos a nossa consciencia que nunca nos engana; e neste momento psíquico elevemos a Deus nosso

pensamento humilde e confiado, pedindo luz, força, discernimento, constancia, e tudo teremos. (A Gazetinha, 13/7/1898, p. 2)

Assim, da parte dos espíritas, exibiu-se³⁶ uma religiosidade interior em conformidade com a busca dos ideais originais do Cristianismo, enfatizando-se a sobriedade, a discrição com a oração silenciosa e a intenção como pressuposto para a prática da caridade e a conseqüente salvação³⁷.

Partindo do princípio de que são “as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem” (CHARTIER, 2002, p. 11) fica claro o que está em jogo num debate onde se dá explicitamente uma luta de representações. Nenhum dos lados poderia aceitar as classificações negativas que recaíam sobre si, pois tais classificações comprometiam a forma como espíritas e católicos entendiam a si mesmos e um em relação ao outro. Além disso, o público que acompanhava o debate era certamente visado por ambos os lados, exigindo dos contendores uma boa performance na representação de si e do outro.

Nesse sentido, construindo a própria identidade sobre as representações do outro - no caso do clero católico -, os espíritas podiam procurar legitimar-se ao reverter todas as acusações que sofriam para o adversário, marcando assim, publicamente, suas diferenças fundamentais. Mas, para tanto, assumiam os mesmos códigos de linguagem e alguns dos seus bens simbólicos, como a figura do Cristo e seus ensinamentos:

Bem o sabia que me chamariam de subvertidor da moral, da religião quando sou apenas o subvertidor do egoísmo, da hypocrisia, do commercio illicito, da exploração da palavra Divina, feita por cumulo do cynismo no nome do Pae de Justiça; e no nome daquelle, que, comndenou o culto das imagens, as longas orações que devoram o dinheiro dos irmãos; que condemnou o culto exterior, carnavalesco; e, que mandava *servir* o nosso Bom Pae de obras e espirito.

Meus caros *fé catholica*: ou sois os cegos dos cegos, ou os exploradores por excellencia:

³⁶ Aqui, “exibir-se” deve ser entendido como um tipo de *representação*, conforme formulada por Chartier, na qual os indivíduos as utilizam como “formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida” (CHARTIER, 2002, p. 11).

³⁷ Elementos evidentes nos textos que seguem: “Ostentação! Mas de que modo manifestam os espíritas essa prova de vaidade, tão reprovada pela nossa doutrina? Temos, por ventura algum culto externo? apparecemos por ventura na praça publica de qualquer modo? (. . .) Em religião a intenção é tudo, vós deveis sabel-o; e aquelles que vão á igreja por habito, imitação ou qualquer dos muitos motivos que levam aos templos catholicos uma grande parte dos que contribuem para encher-os, a esses não poderá a Igreja de Roma salvar, por maior que seja o poderio que se arroga. (. . .) Deixai o vosso dogma – *Fóra da Igreja não ha salvação* e dizei comnosco: *Sem caridade não ha salvação*. S. E. A. K.” (grifos do articulista; A Gazetinha, 20/7/1898, p. 2).

Perguntae-os a vossa consciencia e depois responderão, a quem lucha sem esperar premio algum de quem quer que seja, porque sabe que o dever não é sacrificio. *J. C.* (grifos do articulista; A Gazetinha, 15/7/1898, p. 2)

Mas não podemos deixar de notar que se tratam de apropriações³⁸, e que, portanto, os elementos do Catolicismo passam por um processo de adaptação, no qual os espíritas procuram respeitar os princípios fundamentais da sua doutrina. Tal acontece, por exemplo, com a idéia de *inferno*. Quando remetida a uma das palavras-chave da ontologia e da moral espírita, a saber, a *consciência*, acaba sendo ressignificada para um plano de existência subjetivo ao indivíduo – sua mente - que cria a própria situação de sofrimento ou bem-aventurança, conforme suas ações subordinadas ao seu livre-arbítrio: “Christo, disse, aquelle que me negar tambem será negado – não o conheceremos por irmão – e será repellido no *inferno* da sua propria consciencia. (. . .) *J. C.* (grifo do articulista; A Gazetinha, 15/7/1898, p. 2)”.

Ou ainda com a idéia de *purgatório*, perdendo seu sentido católico de “mundo intermediário” entre o céu e o inferno, no qual as almas purgam suas faltas e assim ascendem aos céus. O purgatório, ao ser inserido na ótica espírita do processo de evolução através de múltiplas encarnações, passa a significar cada existência encarnada na qual o espírito expia suas faltas perante as leis de Deus, atenuando-se o sofrimento conforme seu progresso:

Crêde, irmão, a demora no arrependimento do peccador é certamente muito prejudicial porque retarda o seu progresso, mas elle virá, mais tarde ou mais cedo, nesta ou em qualquer das existencias futuras, cada uma das quaes constitue para nós um verdadeiro purgatorio, tanto mais suave cada um delles quanto mais tivermos progredido no anterior. *S. E. A. K.* (A Gazetinha, 26/7/1898, p 2)

Vemos assim que, através de apropriações³⁹ com maiores ou menores mudanças de interpretação, os espíritas empregavam o vocabulário católico para inserir-se num

³⁸ Refiro-me à “apropriação” no sentido utilizado por Chartier, o qual “ênfatisa a pluralidade dos empregos e das compreensões e a liberdade criadora – mesmo que seja regrada – dos agentes que nem os textos nem as normas impõem”, atentando para as “determinações fundamentais” e as “práticas específicas” que produzem os usos e as interpretações em cada procedimento de apropriação (CHARTIER, 2002, p. 67-68).

³⁹ Nos casos expostos acima, tratam-se de apropriações em dois momentos, pois são trabalhados os conceitos católicos de inferno e purgatório que já haviam sido bastante discutidos por Kardec, quando descaracterizou, assim como *J. C.*, a idéia de um inferno circunscrito geograficamente: “O Espiritismo não vem, portanto, negar a penalidade futura; vem pelo contrário constata-la. Aquilo que ele destrói, é o inferno localizado, com as suas fornalhas e as suas penalidades irremissíveis. (. . .) O inferno permanece como figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. (. . .) Dependendo o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma carrega consigo a sua própria punição por

mesmo terreno conceitual, facilitando o debate e encaminhando a demarcação de suas diferenças com eles.

Ocorre que a bandeira dessa religiosidade despida de acessórios do mundo da matéria também é levantada pelo clero católico que intentava uma reforma romanizadora⁴⁰ frente às tendências laicas e aos sincretismos e práticas populares⁴¹. Assim, criticava-se a ignorância dos próprios católicos que se limitavam somente à prática do culto externo, olvidando a moral cristã:

O proprio catholicismo condemna a muita idolatria que é praticada em seu seio por aquelles que, ignorantes da base da fé catholica – a sublime moral christã – praticam tão somente o culto externo sem outras preocupações de ordem moral.

Nenhum bom catholico ousará afirmar o contrario.P. A. H. do C. (A Gazetinha, 30/7/1898, p. 2)

Não obstante, no limite, com um texto mais agressivo⁴² como o de *Latego e Espada*, homogeneiza-se o “inimigo”, tratando genericamente todo o clero católico como o espelho avesso dos ideais espíritas:

toda a parte onde encontra-se: para isso, não é necessário um lugar limitado. O inferno está, pois, por toda a parte onde há almas sofredoras, como o céu está por toda a parte onde há almas felizes. (KARDEC, 2001, p. 50-51 72-73 ; tradução minha).” S. E. A. K. também apropria-se claramente da idéia de purgatório tal como apresentada por Kardec: “O Espiritismo (. . .) não nega o purgatório, pois prova que nele nos achamos. (. . .) A palavra *purgatório* sugere a idéia de um lugar circunscrito: é por isso que é aplicável mais naturalmente à Terra, considerado lugar de expiação, que ao espaço infinito onde vagueiam os Espíritos sofredores, e que além disso a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira expiação (KARDEC, 2001, p. 50-51 ; tradução minha).”

⁴⁰ A reforma romanizadora, também conhecida como ultramontanismo, “apareceu como uma reação ao mundo moderno, capaz de condená-lo, ao mesmo tempo que reforçava a idéia da supremacia das verdades ensinadas pela Igreja sobre os contingentes resultados do conhecimento e da experiência humana. O ultramontanismo correspondia a uma centralização sob a égide de Roma, culminando com a proclamação do dogma da infalibilidade papal. (. . .) Com a perda do poder temporal do papado, procura-se firmar a total ascendência espiritual e moral da Igreja frente ao mundo. O ultramontanismo procurava, portanto, ‘a dominação da autoridade espiritual sobre a temporal’ (ISAIA, 1998, p. 21).”

⁴¹ De acordo com Emanuela Ribeiro “(. . .) embora a doutrina teológica católica tenha se mantido hostil à Modernidade, podemos identificar situações em que algumas das razões, doutrinas e técnicas da Modernidade serviram à Igreja, tendo sido por ela incorporadas, e, até mesmo usadas para sua própria legitimação. Neste sentido, acreditamos que a principal convergência entre ambas encontra-se no disciplinamento da sociedade civil (RIBEIRO, 2003, p. 9-10).”

⁴² Esta linha discursiva na qual “os espíritas, na réplica às acusações, adotam um discurso agressivo, acusando os dirigentes católicos de déspotas e comerciantes religiosos sem escrúpulos” aparecerá em diversos momentos, como por exemplo, “na Revista de Espiritualismo, de 1917” onde lemos o seguinte artigo (COSTA, 2001, p. 96): “Os espíritas não fazem balcão das suas instituições, como fazem os padres e frades da sua Igreja, vendendo a troco de gordas remunerações as mercadorias do seu culto. Foi e continua a ser a custa desse comércio vil, exercido pelos expoliadores de batina, que os povos de outros tempos se despojaram dos seus bens e do seu ouro em benefício de papas execráveis e soberanos fanáticos, e que os infelizes ignorantes de hoje se vêem privados de uma boa parte de suas economias, para rechearem a bolsa de padres estrangeiros e de bispos gananciosos, que aumentam cada dia a sua fortuna e da funesta Igreja, esquecendo-se de repartir com o pobre o fruto desta avareza e do vil

Quem são pois os phariseus?

Os spiritas que têm como templo *a casa de Deus, o Universo?* ou vós outros, *fé catholica*, que imbuindo a ignorancia do irmão, estorquis o dinheiro, para construir o vosso negocio?

Quem são os phariseus (sacerdotes)[?] Os spiritas, que rezam a sós n'um canto de suas moradas, para amigo e inimigo?

Ou vós outros, *fé catholica*, que para baptisar, para casar, para *encommendar* (?) as almas, só o fazeis pelo dinheiro?...

São os spiritas que vestem longas tunicas?

Ou são os *fé catholicas* que se disfarçam com vestes pomposas e *capellos* com borlas e franjas *coloridas*, para distinguir-se de seus irmãos? *Latego e Espada*. (grifos do articulista; A Gazetinha, 21/7/1898, p. 2)⁴³

Agora, do lado dos espíritas, é significativo o discurso de Luiz Gama, que já vinha publicando seus textos na *Gazetinha* e depois no *Independente*, norteados por uma crítica ao jesuitismo. Essa se refere ao seu culto exterior e às imoralidades decorrentes do interesse material e do celibato (contrário às leis da natureza), relacionando inclusive as freiras às messalinas, quando tornam-se a “mystica devota gosada em seus momentos de extases hystericos pelos possantes e viris padres muidos [sic] de seu *capot angalise...*” (A *Gazetinha*, 13/7/1898, p. 2). Asseverava que somente “a mulher mãe é digna, porque ella é a depositaria do futuro social” e “o padre perante o seculo é um parasita”, assim “só o pai de familia merece consideração e respeito por que é elle que contribue directamente para o accessimo da população e a vera constituição de nossa patria” (A *Gazetinha*, 13/7/1898, p. 2). A sua fala, marcada pela referência às leis da natureza, era também muito semelhante ao discurso maçom, fazendo ainda eco à campanha pela moralidade que a *Gazetinha* tomava para si e demonstrando como os

comércio. Não há maior exploração do que a venda de missas, batizados, casamentos, encomendações, santinhos, benzeduras e indulgências, de que vive todo um exército de malandros e espertalhões, disfarçados aos olhos dos incautos e ignorantes em ministros de uma religião, cujo fundador viveu pobre e humildemente, espalhando por toda a parte o amor do próximo e o desinteresse pelos bens terrenos. Alto lá jesuítas intrigantes (Ferro em brasa. *Revista de Espiritualismo*. Curityba, nº 5, p. 89. mai. 1917 *apud* COSTA, 2001, p. 96).”

⁴³ Abrindo um parêntesis, chamo a atenção para uma proximidade muito grande entre as representações que circulavam entre espíritas e maçons sobre o clero católico, dando-nos pistas para refletirmos sobre a possibilidade de alianças e mesmo de sobreposições de adeptos entre os dois grupos sociais. De acordo com Colussi: “para a maçonaria o papado se movia exclusivamente pelos interesses materiais, econômicos e políticos; a hierarquia católica discriminava e usava os fiéis para benefícios financeiros; os clérigos eram amorais, seduziam, tinham filhos ilegítimos, eram viciados em jogos, alcoólatras, etc.; os jesuítas, enfim, eram porta-vozes do conservadorismo, do fanatismo e ultramontanismo do papado, tendo, por isso, sido eleitos como os maiores inimigos da ordem (COLUSSI, 2003, p. 329).”

princípios espíritas seriam a antítese do jesuitismo, e, por conseguinte, aptos a substituí-lo.

Apesar de verificarmos um campo de valores e princípios compartilhados entre espíritas e católicos, existem especificidades que merecem nossa atenção. O articulista católico enfatiza as oposições entre o “satânico”, “demoníaco”, nas posturas espíritas, em comparação com o “evangélico”, “crente” católico.

O orgulho *satanico* de muitos spiritas, almas transviadas e entregues aos manejos de Satanaz, pode ser comparado com o daquelle *phariseo* que, subindo ao templo em companhia do *publicano*, estando de pé, orava entre si desta maneira: <<ó Deus, graças te dou, que não sou como os demais homens, roubadores, injustos, adúlteros; nem ainda como este *publicano*. Jejuo duas vezes na semana, dou dizimos de tudo quanto possuo.>>

O *publicano*, de pé ao longe, nem ao menos ousava levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, exclamando, <<ó Deus, tem misericórdia de mim peccador.>>

Estas palavras da Bíblia caracterizam perfeitissimamente o spirita orgulhoso e o catholico *crente* e humilde. Com o primeiro está o orgulho do *demonio*, com o segundo a humildade *evangelica*. (. . .)

P. A. H. do C. (à exceção de *phariseo* e *publicano* os grifos são meus; A Gazetinha, 16/7/1898, p. 2)

Tal caracterização decorria também de uma diferença fundamental: as fontes do conhecimento espírita e católico. Para o católico a verdade estava consigo porque, através da *humildade* e da *crença*, admitia-se a “palavra do Cristo” com a “fé inabalável na revelação divina” tal qual aparecia na Bíblia, sendo “inspiradamente” explicada pela patrística:

O spirita, adulterando em seu proveito a letra do Evangelho, se arroga um saber que vae além tumulo; o catholico, *humilde* e *crente* na palavra do Christo, tem *fé inabalavel* na *revelação divina* tal qual nol-o ensinam os livros sacros sabia e *inspiradamente* explicados pelos mestres da igreja de S. Pedro. (. . .) P. A. H. do C. (grifos meus; A Gazetinha, 16/7/1898, p. 2)

Para os espíritas, a razão vinha explicitamente *antes* e não *depois* da crença; isto é, ao invés de possuir a “sã razão” católica que se apoiava na dogmática dos pais da igreja construída nos estudos bíblicos, o Espiritismo arrogava sustentar-se na observação científica de fenômenos que vinham comprovar a existência e imortalidade do espírito, bem como a comunicação entre os encarnados e desencarnados. Dessa comunicação é que surge todo um corpo doutrinário que retorna ao exame dos

evangelhos para constituir a “fé inabalável”, que, do ponto de vista católico, não passava de adulteração dos novos e orgulhosos ou interesseiros “escribas” (espíritas que assim eram inseridos numa tradição de escribas e fariseus de longos séculos) para tirar algum proveito:

A raça orgulhosa dos escribas vem de longos seculos, e entre elles, uns, por orgulho, outros por interesse mal velado não trepidam adulterar o sentido dos livros sacros, e procuram solapar a obra do Senhor a invencivel Igreja Romana. (. . .) *P. A. H. do C.* (A Gazetinha, 16/7/1898, p. 2)

Havia ainda um outro campo de enquadramento do Espiritismo enquanto doutrina que oferecia fecundos elementos para a exploração ao se misturar com a feitiçaria. Ou seja, existia a possibilidade de distinção entre “espíritas sinceros” e “exploradores”⁴⁴ que se utilizavam do Espiritismo mesmo entre o clero católico, conforme lemos em *P. A. H. do C.*:

No nosso paiz a ideia é ainda relativamente nova e os poucos que a praticam com *sinceridade* e convicção occultam-se e reúnem-se secretamente não ousando apresentarem-se publicamente como portadores da nova crença.

Os outros, os *exploradores* fazem um amalgama de spiritismo e fetichismo, applicando a doutrina de *Allan Kardec* no campo da feitiçaria e eis ahí precisamente onde se encontra o perigo para áquelles que têm a desgraça de lhes cahir nas garras sem que disponham de espirito convenientemente esclarecido para comprehender a fraude que em nome da nova doutrina é posta a soldo da exploração tôrpe. (grifos meus; A Gazetinha, 30/7/1898, p. 2)

Tal distinção não se dava sempre, como já vimos anteriormente, mas certamente essa era uma busca muito cara aos primeiros grupos espíritas que se institucionalizavam, já que os elementos caridade e cientificidade é que lhes proporcionavam sustentação para enfrentar as críticas que iam surgindo e o perigo potencial de perseguição às suas instituições (GIUMBELLI, 1997, p. 105).

Vimos que diversos elementos foram compartilhados por espíritas e católicos, com estratégias discursivas que procuravam evidenciar a validade racional dos argumentos, pondo-se ênfase na prática da caridade – valor de enorme relevância no Espiritismo, pois é aí que ele se legitima tanto frente às acusações de charlatanismo, de exploração da credulidade pública, etc., quanto frente a grande concorrente no campo

⁴⁴ Expressões presentes na fala de João do Rio ao diferenciar, em suas reportagens sobre as religiões na cidade do Rio de Janeiro, os “espíritas sinceros” que freqüentavam a Federação Espírita Brasileira e os “exploradores” do “baixo spiritismo” (RIO, 1976, p. 71-79).

religioso, isto é, a Igreja Católica. Podemos entender ainda que, entre católicos e espíritas, ocorreu não só uma tensão bastante grande, como também um processo criativo de apropriação de determinados valores e costumes por parte do movimento espírita nascente⁴⁵.

Para darmos um exemplo com relação às práticas, parece que inicialmente os espíritas praticavam a caridade material repassando recursos financeiros a instituições católicas⁴⁶; o que certamente contribuiu para atenuar bastante a imagem de um relacionamento completamente arisco entre espíritas e católicos, tal qual a que se sobressai de debates tão intensos como o que acabamos de acompanhar.

Apesar dos espíritas marcarem determinadas posições antagônicas em relação aos católicos, a conformação da identidade espírita sofrerá a influência do processo relacional entre os dois grupos. Tal situação ocorria também na França, com a repressão católica forçando os espíritas a se constituírem numa espécie de religião rival. A idéia inicial de Kardec não era essa, pois o objetivo era fazer amplas reformas através de uma doutrina universal, abarcadora de tudo que não contradissesse a moral cristã, tal como interpretada à luz do ensino dos espíritos superiores. De acordo com Eliane Silva

para Kardec, o Espiritismo (. . .) seria (. . .) o elemento de ligação entre todas as crenças, a unidade religiosa e livraria a ciência de seu materialismo estéril (. . .) funcionaria como elemento principal de progresso moral e intelectual, de unificação social dos homens, povos, sexos, a chave da fraternidade universal. (SILVA, 1993, p. 169)

Mas, uma doutrina que se opunha a certos dogmas católicos tão importantes, como a santíssima trindade e a conseqüente divinização de Jesus, não poderia ficar impune num momento de forte ofensiva da Igreja Católica sob a orientação romanizadora. No Rio Grande do Sul, tal tentativa de romanização da Igreja Católica

⁴⁵ “Quando se consolida o espiritismo da Federação Espírita Brasileira, a partir de Bezerra de Menezes, este incorporará como suas a maioria das proposições do catolicismo romanizado, seu feroz adversário desde os tempos do Império. (. . .) A ênfase na caridade e a religiosidade interior no kardecismo – igualmente pilares da reforma católica – também foram invocadas como discurso distintivo do espiritismo da Federação Espírita Brasileira. (. . .) Pode-se afirmar, assim, que o espiritismo torna-se, nessa intensa competição religiosa com o principal oponente, durante a primeira República, uma espécie de anticatolicismo ‘romanizado’ (LEWGOY, 2004, p. 108-109).” Tomo essas observações de Lewgoy como uma hipótese muito fértil para se explorar as relações entre os espíritas mais institucionalizados no Rio Grande do Sul e o clero católico romanizado, que vai se constituindo a partir das reformas dos chamados bispos “reformadores”, com destaque para D. Cláudio José Ponce de Leão (1890-1912) e D. João Becker (1912-1946).

⁴⁶ Temos a referência às doações anônimas do Grupo Espírita Allan Kardec à Sociedade São Vicente de Paula através de cartas ao católico Aurélio Virissimo de Bitencourt (homem muito próximo à Borges de Medeiros, realizava diversas “costuras” no mundo da política) e às doações ao Padre Cacique através do Jornal do Comércio (SÍNTESE HISTÓRICA DA SEAK, 1976, p. 4).

fora extremamente difícil no final do século XIX, devido a um clero despreparado e um sentimento de descaso frente à religião por muitos homens que a consideravam “coisa de mulher” (VÉSCIO, 2001, p. 179), além do catolicismo popular sempre presente. Soma-se a isso a liberdade de religião que se impõe como um novo desafio à Igreja Católica com o advento da República; ela já não era mais a religião oficial do Estado, assim a competição com as outras denominações religiosas passa para um plano mais livre, no qual as regras do enfrentamento não permitem repressões fáceis. Com isso entenderemos o porquê da situação geralmente tensa entre espíritas e católicos no final do século XIX.

Conclusão

Acompanhamos, através da *Gazetinha*, uma parte do processo de legitimação do Espiritismo no qual seus defensores construía sua própria identidade através das lutas de representações com aqueles que os enfrentavam. Observamos que as duas grandes acusações que sofriam os espíritas, isto é, de que o Espiritismo levava à loucura e de que seus adeptos eram exploradores da fé, serão justamente os elementos que eles rebaterão no momento em que ganham voz através da própria *Gazetinha*. Assim, afirmavam tanto a racionalidade da doutrina em contraposição à loucura, quanto a caridade frente à acusação de exploração. Cruzam-se ainda as representações de um catolicismo marcado pela modernidade, disputando com os espíritas os supracitados valores da caridade e da racionalidade que alicerçavam o valor da religiosidade interior.

Muitos desses pioneiros do movimento espírita pertenciam a grupos sociais que certamente facilitaram a formação de uma imagem respeitável para a sua doutrina. Nesse sentido, cabe ressaltar o relacionamento do Espiritismo com a Maçonaria, instituição que possivelmente tenha “aberto portas” para os primeiros espíritas, já que além de partilharem de um tipo de ideário semelhante, maçons e espíritas enfrentavam, em geral, o clero católico, em especial os jesuítas. Por outro lado, a característica peculiar do Estado rio-grandense na República Velha em manter o princípio da liberdade de profissão, conforme a doutrina positivista-castilhistas, pode ter sido importante por facilitar a prática de cura dos espíritas, livre dos empecilhos da lei. Desta forma, o chamado receitismo mediúnico, no qual se prescreviam receitas homeopáticas que resultavam em remédios produzidos e doados pelas próprias instituições espíritas,

não deve ter encontrado oposição legal. Daí podemos formular uma interessante questão para futuras pesquisas: se essa liberdade profissional teria facultado aos espíritas, mesmo que a curto prazo, a possibilidade da defesa explícita das suas práticas de cura pelo viés científico, em contraste com a estratégia jurídica de se defender a cura espírita como prática religiosa, tal como se deu no Rio de Janeiro.

Por fim, a crescente institucionalização do Espiritismo no Rio Grande do Sul, qualitativa e quantitativamente, ia produzindo alguma estabilidade na demarcação do espaço social dos espíritas. Somando-se a esse processo, com a busca pela visibilidade social, os espíritas procuravam se manifestar através da imprensa, produzindo também os seus próprios periódicos. Esse tipo de publicização da doutrina espírita, dirigida a um público letrado, foi, sem dúvida, essencial para a constituição de uma determinada identidade, realizada no jogo das representações que tencionava a busca pela legitimação dos espíritas contra a condenação lançada pelos seus adversários.

Referências bibliográficas

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sergius (org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 34-59.

BOFF, Angélica Bersch. *Espiritismo, alienismo e medicina: ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920*. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

CAMURÇA, Marcelo. Fora da Caridade não há Religião! Breve História da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na Cidade de Juiz de Fora: 1900-1960. *Locus Revista de História*, Juiz de Fora, vol. 7, n. 1, p. 131-154, 2001.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COARACY, Vivaldo. *Encontros com a vida* (memórias). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1962.

COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. 3ª ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

COSTA, Flamarion Laba da. *Demônios e anjos* (o embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX). Tese de Doutorado, UFPr, Ponta Grossa, 2001.

DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

DELUMEAU, Jean. *O pecado e o medo: a culpabilização no ocidente (séculos 13-18)*. Trad. Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003.

DIAS, José Roberto de Lima. *A Evolução (1892-1893): uma amostra dos fatores constituintes do sistema literário espírita*. Dissertação de Mestrado em História da Literatura, FURG, Rio Grande, 2006.

FERREIRA, Juliana Mesquita Hidalgo. *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2004.

GIUMBELLI, Emerson. *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

_____. Espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In: *Orixás e Espíritos – o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

HESSEN, Jorge. História do Espiritismo em Mato Grosso. In: MONTEIRO, Eduardo Carvalho (org.). *Anuário Histórico Espírita 2003*. São Paulo: Madras e U. S. E., 2003, p. 161-172.

ISAIA, Artur Cesar. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. Catolicismo e religiões mediúnicas no Rio Grande do Sul. In: RECKZIGEL, Ana Luiza Setti; FELIX, Loiva Otero. (Org.). *RS: 200 Anos. Definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002, v. ? , p. 219-236.

_____. Allan Kardec e João do Rio: os jogos do discurso. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. (Org.). *Histórias & Historiografia*. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2003, vol. ? , p. 11-31.

KARDEC, Allan. *Voyage spirite en 1862*. Paris: Editions Vermet, 1988. Disponível em: <http://www.spiritisme.net/livres.php?ID=9> Último acesso: 9 dez. 2006.

_____. *O que é o espiritismo*. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues. 1ª edição (Bolso), São Paulo: LAKE, 1998.

_____. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva. São Paulo: Petit, 1999

_____. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 260ª edição, 2000.

_____. *Le Ciel et l'Enfer*. Paris: Editions Philman, 2001.

LEWGOY, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. Sincretismo e anti-sincretismo no espiritismo kardecista brasileiro. *Colóquio Campo Religioso no Brasil: Os aportes da Sócio-anthropologia*. Paris, 6 e 7 de dezembro de 2005.

MACHADO, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996.

MAROCCO, Beatriz Alcaraz. O modo de objetivação jornalística. *Cadernos IHU Idéias*. São Leopoldo – RS, n° 27, p. 1-16, 2004.

MAUCH, Cláudia. *Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC/ANPUH-RS, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O cotidiano da república*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1990.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Igreja Católica e Modernidade no Maranhão, 1889-1922*. Dissertação de Mestrado em História, UFPE, Recife, 2003. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=18815 Último acesso: 17 fev. 2009.

RIO, João do. *As religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

_____. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Rev. bras. Hist.*, vol. 21, n° 41, p. 113-126, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200006&lng=en&nrm=iso Último acesso: 16 fev. 2009

SCHWEIG, Grazielle Ramos. *Espiritismo e Medicina Psiquiátrica: estudo de caso no Hospital Espírita de Porto Alegre*. Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da UFRGS como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais, Porto Alegre, 2006.

SCOTON, Roberta Müller Scafuto. A “loucura espírita” em Juiz de Fora – MG. *Anais Eletrônicos do XIV Encontro Regional de História ANPUH-MG*. Juiz de Fora, 2004.

_____. Idéias psiquiátricas sobre as religiões mediúnicas em Juiz de Fora – MG (1890-1940). *Mneme – Revista de Humanidades [Dossiê Histórias da Saúde e da Doença, org. André Mota e Iranilson Buriti]*. Caicó (RN), vol. 7, n° 17, p. 85-121, ago./set. 2005.

SILVA, Eliane Moura. *Vida e morte: o homem no labirinto da eternidade*. Tese de Doutorado em História, UNICAMP, Campinas, 1993.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VASCONCELOS, João. *Homeless spirits: modern spiritualism, psychical research and the anthropology of religion in late 19th and early 20th centuries*. Paper presented at the conference "On the Margins of Religion", Halle (Germany), The Max Planck Institute for Social Anthropology, 15th-17th May 2003.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1893-1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritos do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1969.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense - 1889/1928*. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC - Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

ZANGARI, Wellington. Estudos Psicológicos da Mediunidade: Uma breve revisão. In: 3^o Seminário de Psicologia e Senso Religioso, 1999, São Paulo. Caderno do 3^o Seminário de Psicologia e Senso Religioso. São Paulo: 3^o Seminário de Psicologia e Senso Religioso, 1999. v. 1. p. 94-102. Disponível em: http://www.pesquisapsi.com/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=2258
Último acesso: 9 dez. 2006.